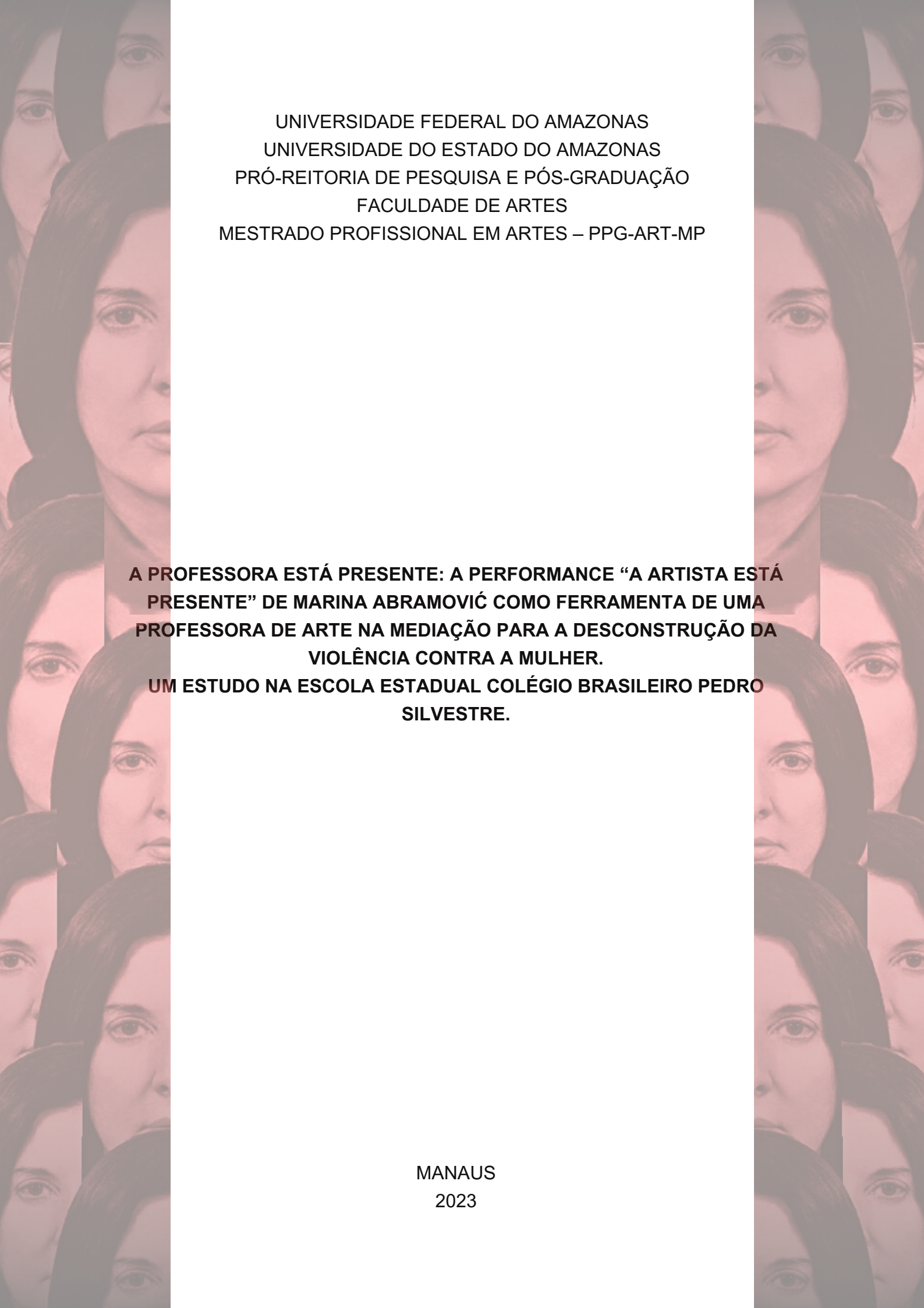
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PPG-ART-MP



A PROFESSORA ESTÁ PRESENTE: A PERFORMANCE “A ARTISTA ESTÁ PRESENTE” DE MARINA ABRAMOVIĆ COMO FERRAMENTA DE UMA PROFESSORA DE ARTE NA MEDIAÇÃO PARA A DESCONSTRUÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER.
UM ESTUDO NA ESCOLA ESTADUAL COLÉGIO BRASILEIRO PEDRO SILVESTRE.

MANAUS
2023

GESSIANA TORRES DOS SANTOS

A PROFESSORA ESTÁ PRESENTE: A PERFORMANCE “A ARTISTA ESTÁ PRESENTE” DE MARINA ABRAMOVIĆ COMO FERRAMENTA DE UMA PROFESSORA DE ARTE NA MEDIAÇÃO PARA A DESCONSTRUÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER.
UM ESTUDO NA ESCOLA ESTADUAL COLÉGIO BRASILEIRO PEDRO SILVESTRE.

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Artes-PROFARTES da Universidade Federal do Amazonas e Associadas, para obtenção do título de mestra em Artes.

Linha de Pesquisa: Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes.

Orientador: Prof. Dr. Valter Frank de Mesquita Lopes

MANAUS
2023

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S237p

Santos, Gessiana Torres dos
A professora está presente: a performance “a artista está presente” de Marina Abramovi como ferramenta de uma professora de Arte na mediação para a desconstrução da violência contra a mulher. : um estudo na Escola Estadual Colégio Brasileiro Pedro Silvestre. / Gessiana Torres dos Santos . 2023
112 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Valter Frank de Mesquita Lopes
Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Ensino de arte. 2. Performance. 3. Marina Abramovic. 4. Presença. I. Lopes, Valter Frank de Mesquita. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título



Este trabalho é dedicado à todas as mulheres, em especial às minhas pequenas meninas, minhas filhas Beatriz e Fernanda, que juntamente com o meu filho Miguel, são minhas maiores fontes de amor e força nesta vida.

tanto a agradecer...

O que quer que façamos no mundo não é um caminhar sozinhas. Dedico, portanto, este espaço para agradecer à todas as mulheres ancestrais, minhas avós, tias, irmãs, minhas irmãs de alma Rosiane,Lima Keyla, Danielle, Paula, Mônica, às amigas de estudos em performance: Cherre, Heide, Rosiane e Aline, e aquelas que, mesmo de passagem marcaram presença nos meus caminhos.

Gratidão à minha mãe Valda, que me deu a vida, a qual sempre foi meu exemplo de força, resiliência, amor e coragem em tudo que fez e faz, a qual sou grata e amo infinitamente. Ao meu pai Guedes (in memoriam), pai amoroso, profissional brilhante da psicologia, que amo e sinto saudade. Que imagino neste momento estar com um grande sorriso no rosto, de pé, por mais esta etapa alcançada em minha vida.

Meu coração às minhas filhas e meu filho: Beatriz, Fernanda e Miguel. A qual o amor infinito que sinto por vocês é a minha maior motivação em cada passo do meu viver. De tudo que antes já foi um sonho, agora a realidade em poder abraçar e partilhar de toda a felicidade do mundo por ter vocês.

Às minhas irmãs: Michele, Luciana, Mariana e meu irmão Anderson, pela trajetória partilhada dos quais são também minha inspiração e força. Agradeço por me apoiarem incondicionalmente em meus sonhos. Sendo a felicidade do outro a própria felicidade.

Agradeço ao meu marido Rafael, por todo o amor diário, pelas mãos dadas, sendo mais que companheiro, amigo, dando todo apoio necessário e o tempo de lazer em família cedido aos meus estudos e escrita. Amo você!

Ao meu orientador, professor Dr. Valter Mesquita, gratidão por me incentivar desde o princípio em minha inscrição para ingresso deste mestrado, sugerindo leituras instigantes e por toda contribuição no percurso deste trabalho, a qual terá minha eterna admiração por ser um professor, colega de profissão, artista visual e pessoa sensível à luta pela equidade entre os gêneros.

Aos professores do mestrado minha mais profunda admiração a cada um de vocês por suas práticas e metodologias mesmo diante a uma adaptação compulsória às aulas virtuais devido a pandemia de COVID-19 ao longo desses mais de 2 anos. Obrigada pela paciência e por sempre incentivar os discentes a lutarem em defesa do ensino de arte no Brasil. Vida longa ao Mestrado do Prof-Artes e rumo aos novos sonhos de doutorado no Estado do Amazonas!

Aos membros da Banca, professora Dra. Vanja Poty, gratidão pelas provocações que fez na disciplina de Performance e Gênero durante o curso de mestrado e que corroboraram nos rumos da minha prática artística e da minha escrita com as experiências vividas. Gratidão pela sensibilidade, acolhimento e empatia às minhas e nossas lutas.. Ao professor Dr. Francisco Alves pelo aceite ao convite e poder contribuir com suas considerações para esta pesquisa. Gratidão à professora Dra. Cláudia Carnevskis por acompanhar minha trajetória pessoal, como mãe, artista e nas suas mais completas contribuições e sugestões sobre esta pesquisa a qual me instigou para esta temática desde a Especialização, me incentivando à entrada e percurso no curso de Mestrado. À professora Dra. Maria Evany por compor esta banca e contribuir para a realização de mais uma etapa de minha vida acadêmica.

Gratidão à trajetória da artista Marina Abramovic, às tantas mulheres artistas latino-americanas, amazônidas, protagonistas desta pesquisa e à todas as que estão e das que não estão aqui citadas.

Às minhas alunas e alunos que propiciaram esta troca tão valorosa para a realização desta pesquisa, entendendo que às mudanças são de forma coletiva, com empatia, acreditando e persistindo.

Gratidão à todas, todos e todes.

Todas as vezes na história em que as mulheres se uniram, o mundo mudou.

(Márcia Tiburi)

resumo

O que a performance contribui para a desconstrução da violência contra a mulher? A potência que há na performance “A artista está presente” de Marina Abramović é nesta pesquisa o elo de encontro entre a arte e as mulheres para a tomada de consciência de suas próprias vidas diante às novas possibilidades e posturas para essa desconstrução. A Performance, portanto, é aqui utilizada para trabalhar questões relacionadas à violência de gênero em sala de aula. A obra da artista sérvia nos ajuda a compreender como as relações entre uma professora do componente de arte utilizando-se da linguagem da performance com suas alunas, diante a presença, ou compartilhamento de estados afetivos, podem ocorrer no encontro umas com as outras. A metodologia adotada nesta pesquisa foi baseada em um estudo autoetnográfico mediante observação e registros cotidianos, priorizando a narrativa como estratégia relacionando a performance de Abramović, minhas experiências como artista performer e as experiências das alunas/artistas em performances realizadas em uma escola do Ensino Médio. Referente a metodologia ressalto também que utilizei a escrita performativa como instrumento de acolhimento, por acreditar que esta escrita tem o poder de aproximar a leitora diante uma temática tão sensível. No que se refere a coleta de dados, foram utilizados nesta pesquisa diários de bordo e materiais escritos pelas alunas durante as aulas. A cerca do referencial teórico utlizado destaco o brilhante trabalho da escritora Ana Mae Barbosa e sua luta pelo protagonismo das mulheres no ensino de arte no Brasil.

palavras-chave:

ensino de arte; performance; Marina Abramovic; presença

abstract

What does performance contribute to the deconstruction of violence against women? The power that exists in the performance “The artist is present” by Marina Abramović is, in this research, the meeting link between art teaching and women for the awareness of their own lives in the face of new possibilities and postures for this deconstruction. Performance, therefore, is used here to work on issues related to gender violence in the classroom. The work of the Serbian artist helps us understand how the relationships between a teacher of the art component using the language of performance with her students, in face of the presence, or sharing of affective states, can occur in the encounter with each other. The methodology adopted in this research was based on an autoethnographic study through daily observation and recording, prioritizing the narrative as a strategy relating Abramović performance, my experiences as a performing artist and the experiences of students/artists in performances carried out in a high school. Regarding the methodology, I also emphasize that I used performative writing as a welcoming instrument, believing that this writing has the power to bring the reader closer to such a sensitive topic. With regard to data collection, logbooks and materials written by the students during classes were used in this research. About the theoretical framework used, I highlight the brilliant work of the writer Ana Mae Barbosa and her fight for the protagonism of women in art teaching in Brazil.

keywords:

art teaching; performance; Marina Abramović; presence

lista de ilustrações

Figura 1 - Fotografias de momentos da infância e vida adulta da autora.....17
Figura 2 - Sala de aula (2023) - Acervo pessoal.....33
Figura 3 - Acervo pessoal - Gessiana Torres e Ana Mae Barbosa.....34
Figura 4 - Fotografia - Cantora Elza Soares 49
Figura 5 - Performance "Rosa Púrpura" - Berna Reale.....59
Figura 6 - Performance "Pancake" (2001)) - Márcia X.....59
Figura 7 - Performance "Live Streaming" - Natacha Voliakovsky 59
Figura 8 - Performance - Coletivo NUPRAMTA - Vanja Poty.....59
Figura 9 - Performance ¿Qué Puede un Cuerpo? - Carmen Beuchat.....60
Figura 10 - Performance of Desierro (Displacement), Tania Bruguero..... 60
Figura 11 - Performance Anónimo 1 - María Evelia Marmolejo..... 60
Figura 12 - Performances "Ancestralidade de Terra e Planta" - Keyla Serruia.....60
Figura 13 - Performance "Pedra" - Regina José Galindo.....61
Figura 14 - Performance "Converso sobre qualquer assunto" - Eleonora Fabião.....61
Figura 15 - Performance "Cacos de vidro e luz (Symbebekos)" - Juliana Notari.....61
Figura 16 - Performance "Arritmia" - Rubiane Maia.....61
Figura 17 - Performance “The artist is present” - Marina Abramovic.....65
Figura 18 - The artist is present” – Imagens: Marco Anelli.....66
Figura 19 - The artist is present” – Imagens A e B: Marco Anelli.....68
Figura 20 - Performance coletiva - "O Peso de ser mulher" (2022).....71
Figura 21 - Performance "Em si" Museu da Pessoa - (2002) Gessiana Torres.....72
Figura 22 - Performance "Peso nos ombros" - Gessiana Torres.....75
Figura 23 - Performance coletiva - "O Peso de ser mulher" (2022).....78
Figura 24 - Performance coletiva - "O Peso de ser mulher" (2022).....79
Figura 25 - Sala de aula (2021) - Teoria feminista.....84
Figura 26 - Sala de aula (2021) - Atividade com balões.....85
Figura 27 - Sala de aula (2021) - Projetor/Slides.....86
Figura 28 - Sala de aula (2021) - Exercícios corporais 87
Figura 29 - Sala de aula (2021) - Exercícios corporais Área externa 88
Figura 30 - Foto-performance das estudantes (Pandemia - 2021).....90
Figura 31 - Foto-performance das estudantes (Pandemia - 2021).....91
Figura 32 - Foto-performance das estudantes (Pandemia - 2021).....92
Figura 33 - Performance coletiva - "Por um fio" (2022).....94
Figura 34 - Sala de aula (2022) - Reperformance da obra A artista está presente".....95
Figura 35 - Performance coletiva - "Mulher você é incrível" (2023).....96
Figura 36 - Performance coletiva - "Mulher você é incrível" (2023).....97

SUMÁRIO

12 UM CONVITE

14 INTRODUÇÃO

17 Sou

18 CAPÍTULO 1: PERCURSOS DA ESCRITA

20 Memórias

24 O sentido de tudo

31 CAPÍTULO 2: UMA PROFESSORA DE ARTE COMO EDUCADORA TRANSFORMADORA É POSSÍVEL

32 Ir além

36 A pergunta certa a se fazer

38 CAPÍTULO 3: A VIOLÊNCIA DE CADA DIA... ATÉ QUANDO?

39 Nem tudo são flores

41 Violências em cor e gênero

43 Triste realidade

50 Pelo espaço que sempre foi nosso no mundo

51 Lutas, avanços e conquistas

54 CAPÍTULO 4: ASTISTAS E CAMINHOS NA PERFORMANCE

55 Breves conceitos

58 Artistas e caminhos na performance - mulheres artistas latino-americanas

63 CAPÍTULO 5: NA PRESENÇA DE MARINA ABRAMOVIC

65 "A artista está presente"

70 CAPÍTULO 6: PERFORMAR É PRECISO

72 Performance: "Em si" (Museu da pessoa)

74 Performance: "Peso nos ombros"

78 Performance: "O Peso de ser mulher"



81 CAPÍTULO 7: A PERFORMER QUE HÁ EM TODAS NÓS

82 Um primeiro contato

89 Adaptações urgentes

90 Estudantes-performers

98 CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM INÍCIO PARA PENSARMOS JUNTAS O FIM DAS VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

104 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

108 ANEXOS



um convite...

Olá querida leitora,
Sua presença é muito importante para mim.
Ao longo das próximas páginas aguardo por você,
para este momento...

aqui...

presente.


você veio!
obrigada por sua
sua presença.
sente-se...
fique à vontade.

introdução

Trata-se de pesquisa buscando promover o contato das estudantes e estudantes de uma escola pública da cidade de Manaus com obras de artistas da performance, em destaque a obra "A Artista está presente" da *performer* Marina Abramovic, como ferramenta de uma professora de Arte na mediação para a desconstrução da violência contra a mulher. Sendo de grande importância tal temática a ser discutida em todos os espaços possíveis, destes especificamente nesta pesquisa, a escola. O tema justifica-se pela urgência a favor da diversidade e equidade de Gênero, seja para o sistema artístico, cultural, social, educativo e de enfrentamento das desigualdades de Gênero, como nos diz a Agenda 2030 da ONU[1], e a ODS 5 - Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas.

Contudo, para escrever sobre a violência contra as mulheres e todos os sentimentos que esta temática atravessa, requer que se dê voz a estas mulheres, buscando tornar este momento uma aproximação, utilizo nesta dissertação tendo a escrita performativa como aliada, ela que consiste em toda esta estética interativa aqui criada, a qual conversarei diretamente com você, cara leitora, tornando assim este nosso caminhar mais leve e sensível

Pensando no que Bell Hooks (2018) afirma entre teoria feminista e pesquisa em arte, parece haver um paralelo, afinal para que(m) essa escrita serve(m)? Quando falamos, pensamos sobre, buscamos por modos de escrita performativa, estamos também buscando um novo sentido para o que fazemos. Por isso tal sentido veio através da minha identificação também por esta pesquisa, que se desenvolveu motivada por vivências pessoais e perspectivas que dialogam com o conteúdo aqui presente, por isso esta pesquisa é também autoetnográfica, a qual apresento parte de minha trajetória de vida.

Você já notou que estou usando o pronome no feminino ao longo de nossa conversa? Pois bem, é que quero aqui destacar o nosso protagonismo feminino. Sei que os nossos sentimentos são tão válidos quanto os de todos os que se autodeclaram com o mesmo pronome, mas precisamos desprezar todo o machismo incorporados muitas vezes como hábito, sejam nas raízes da língua portuguesa, mas também de forma estrutural na cultura. Assim, esta dissertação pretende dar voz às mulheres e estudantes-artistas, oportunizando através de práticas dentro da educação um espaço de catarse, sororidade e apoio sobre questões e reflexões tão importantes. Um espaço coletivo para um momento de troca e acolhimento.

Apesar de ainda não nos conhecermos, ao menos não por enquanto, sem grandes mistérios vou compartilhando um pouco da trajetória desta pesquisa e assim vamos nos conhecendo mais. Há outras artistas que também quero te apresentar, muitas delas conheci debruçada nos livros, pesquisando em sites, conversando e trocando informações com outras artistas, amigas... É importante nesta caminhada conhecer um pouco sobre elas, em que destaco Marina Abramović, por ter sido o meu primeiro contato com a performance ainda em minha adolescência, a qual constava obras de Marina nos meus livros didáticos da escola. Este contato despertou em mim uma nova percepção de como entender as possibilidades na relação com o meu corpo e meu sentir.

Ressalto que outros contatos são necessários, percebendo também as lacunas que envolvem a história da arte ensinada, sempre dominante, canônica e patriarcal,. (Re)pensar a arte por outras perspectivas, diferentes dessas do contexto político e histórico europeu e norte americano, cabe proporcionar o contato também de artistas latino-americanas como possibilidades imaginadas de enunciação do discurso (MOHANTY,1991). Junto com esta história, são reveladas a materialidade do corpo, os efeitos e rastros do processo de colonização e os lugares que restaram para muitas artistas. Lugares estes esquecidos e considerados inferiores comparados ao mercado de arte da Europa. Essa pesquisa também se propõe a identificar e dar visibilidade a artistas da performance da América Latina, do Norte do Brasil, amazonidas, sendo elas também uma potência criativa, da qual emerge arte. Proponho um convite a pensar nessas artistas, pensar em outros corpos, realidades e vivências, questionando conceitos ainda enraizados. Assim, defender os conhecimentos que são colocados à margem é defender s verdadeira educação democrática, prezar portanto pela liberdade dos processos educativos é também ter o compromisso social e político pela mudança. Sobre isso, Bell Hooks nos diz:

> A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidade. Neste campo de possibilidade temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e de nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginemos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade. (HOOKS, 2019, p 273).

A dissertação está dividida em sete capítulos. O primeiro capítulo traz como título: "Percursos da Escrita", a qual apresento o processo da escrita assim como o memorial descritivo com um resumo de minha trajetória com a arte. No segundo capítulo intitulado: "Uma professora de Arte como educadora transformadora é possível", a qual apresento a necessidade de práticas educativas que despertem um olhar mais crítico através da arte nas/nos discentes. terceiro capítulo, "A violência de cada dia... Até quando?" apresento dados estatísticos mais atuais da violência contra as mulheres no Brasil e no Amazonas, justificando a necessidade de informar e coibir com mais afinco para gerarmos uma possível mudança de posturas na sociedade. No quarto capítulo "Artistas e caminhos na performance" mostra-se conceitos básicos da performance e uma breve apresentação de quais são as artistas mulheres latino-americanas que tem como linguagem visual a performance. Capítulo cinco: Na presença de Marina Abramovic", contanto um pouco sobre a trajetória da artista e sua obra "A Artista está presente". No sexto capítulo "performar é preciso", em que apresento algumas experiências com performance a qual realizei na disciplina "performance e Gênero da grade curricular do curso de mestrado em Artes (Prof-Artes pela Universidade Federal do Amazonas e associadas).

O sétimo e último capítulo: "A performer que há em todas nós" onde apresento a produção do produto artístico durante a aplicação, reflexão para democratizar os conhecimentos adquiridos com as estudantes e estudantes de uma escola pública da cidade de Manaus.

Depois de um certo tempo conhecendo sobre tantas rupturas as quais tantas mulheres transpassaram, com suas histórias de lutas, opressões, resistências, você, leitora, de algum modo também irá nesta caminhada, refletir e entender sobre quais mudanças diante nossa existência (e resistências) queremos ver no mundo.

Mas antes de continuarmos está caminhada, vou me apresentar a você... Meu nome é Gessiana.







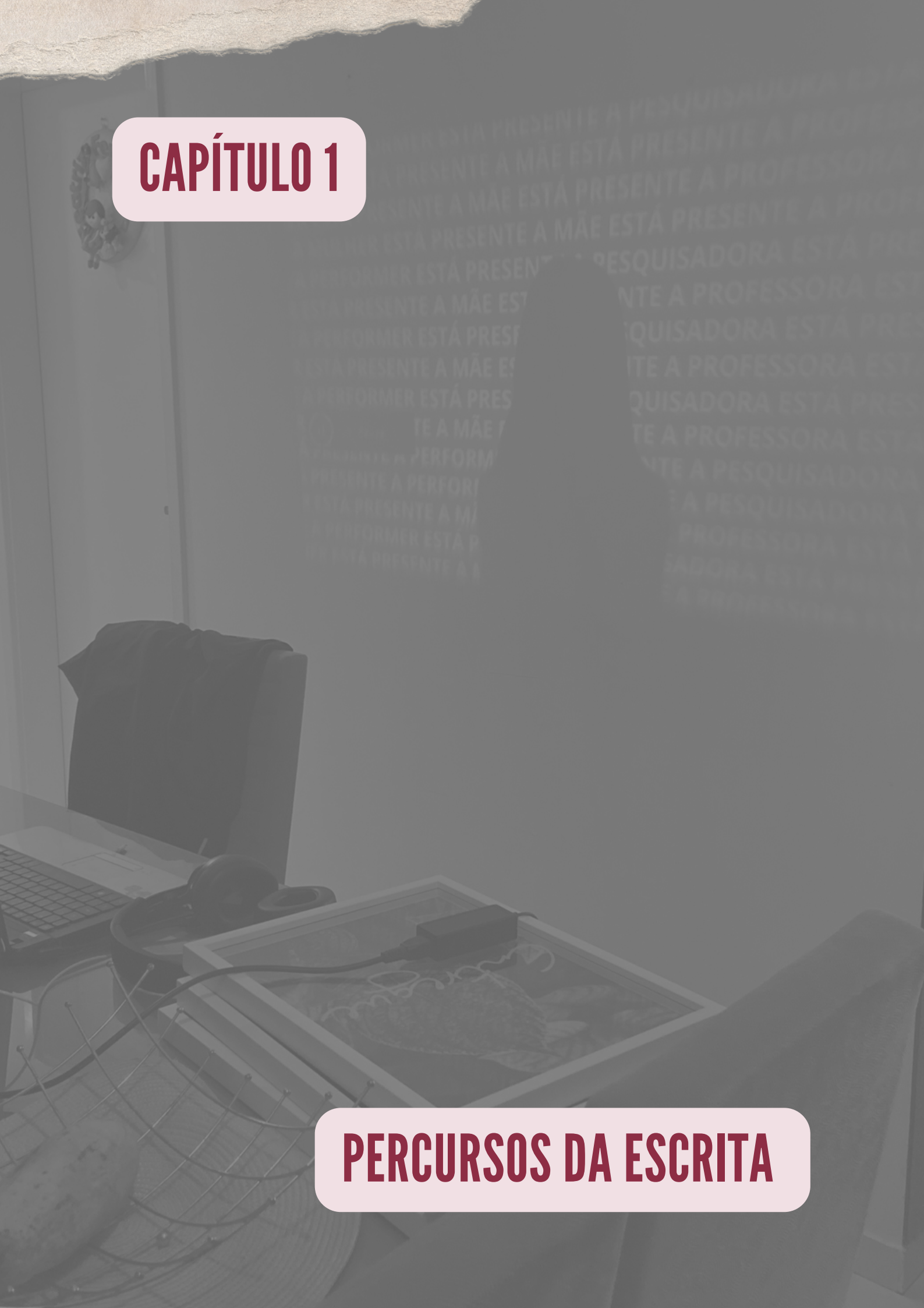




FIGURA 1 - Fotografias de momentos da infância e vida adulta da autora. Fonte: Acervo pessoal.

Sou...

Mulher cis, 36 anos de idade, amazonida, brasileira, latino-americana, quarta filha de dona Valda e do senhor Guedes (in memoriam), nasci na cidade de Castanhal no Estado do Pará. Nos meus 2 anos de idade, minha família mudou-se para a capital Belém em busca de melhores oportunidades de emprego e estudos. Entre muitas mudanças de vida, aos 25 anos de idade, com uma mala nas mãos e muitos sonhos na cabeça, vim morar em Manaus no Estado do Amazonas, hoje, mãe de três lindos amores: Beatriz, Fernanda e Miguel. Adentrando há algum tempo no mundo da pesquisa, em especial na arte-educação, Especialista em Ensino de Arte pela UEA, estudante no curso de Mestrado em Artes pela UFAM. Entendo que a Arte e a Performance são binômios que me interessam conjugar para a desconstrução da violência contra a mulher, a qual para isso, faço o que faço com carne, suor e sangue. Esta dissertação representa um marco importante da mulher, professora, artista performer, mãe, pesquisadora e feminista que sou hoje, a qual cada vez mais, quero compartilhar e celebrar a trajetória que venho construindo.



CAPÍTULO 1

PERCURSOS DA ESCRITA



memórias

O mês é maio de 2021, estou em casa de frente ao computador, os fones em meus ouvidos, onde dentro dessa jornada desafiadora de escrever uma pesquisa acadêmica eu precisava de um contraponto de leveza para gerar a inspiração necessária, foi quando começou a tocar a canção "Triste, Louca ou Má" em meus ouvidos, música que acho pertinente trazer neste texto porque considero que ela traz semelhanças à temática a qual estou evidenciando nesta pesquisa, que tem por meio a arte para a desconstrução da violência contra a mulher.

"Triste, Louca ou Má" (letra que segue na integra na página 22), de composição e interpretação da cantora Juliana Strassacapa, da banda Francisco, el Hombre. Traz a crítica arguta diante os enquadramentos sociais as quais tentam classificar e submeter as mulheres nos padrões estabelecidos.

O título da música é uma tradução de uma expressão em inglês "sad, mad or bad", utilizada para falar das mulheres de forma pejorativa diante a escolha por decidirem ficar solteiras e por vezes sem querer ter filhas(os), algo totalmente em contrariedade do que a sociedade espera e resume ser o ideal de felicidade buscada por uma mulher: o casamento e a maternidade. Afinal, o patriarcado nos define pela nossa utilidade seja a função reprodutiva, no trabalho doméstico, na função do cuidado, na objetificação sexual, e por isto quando as mulheres se recusam a essas funções de utilidade que o patriarcado financia, as mulheres são bombardeadas de críticas, de julgamentos e, ao mesmo tempo podem ser excluídas ou vistas como verdadeiras loucas. Desejar ser mãe ou ser dona de casa não anula o fato de que esses lugares que o patriarcado espera que as mulheres ocupem não sejam questionados e recusados. Por isso, é tão importante pensarmos nesta tenaz crítica social sobre o comportamento e emancipação das mulheres diante o mito na socialização feminina que nos induz à invisibilidade: passivas, inseguras e discretas.

---

[3]Patriarcado é uma forma de poder enraizada e estruturada de maneira que homens tomem posse dos corpos femininos. É, principalmente, poder político que restringe as liberdades e direitos das mulheres. É dado aos homens o direito de explorar, dominar e oprimir os corpos e as vidas das mulheres. Conforme Pateman (1993). Na perspectiva do feminismo negro em relação ao patriarcado, a teórica feminista Bell Hooks nos apresenta em sua obra *Ain't I a woman?: Black woman and feminism* (1981) o patriarcado branco, este que subordina as mulheres negras da forma mais perversa e violenta possível.

[1]Simone de Beauvoir (1908-1986): Escritora, filósofa existencialista e feminista francesa Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir, teve repercussão internacional e marcou toda uma geração interessada, como ela, na abolição do mito do éternel feminin.

[2]O livro "O segundo sexo: fatos e mitos", Simone de Beauvoir expõe suas reivindicações e denuncias, de modo que fica demonstrada sua forma lucidamente didática que contribuiu de forma decisiva para a expansão da consciência feminina na segunda metade do séc. XX.

Simone de Beauvoir[1], em uma de suas obras mais famosas "O Segundo Sexo"[2], de 1949 escreveu:

> "No homem não há hiato entre a vida pública e a vida privada: quanto mais ele afirma o seu domínio do mundo pela ação e pelo trabalho, mais se revela viril; ao passo que os êxitos autônomos da mulher estão em contradição com a feminilidade exigida, porquanto se exige da 'verdadeira mulher' que se tone objeto, que seja só o outro." (BEAUVOIR,1967 p. 67).

A canção também foi levada para o ambiente onde dá-se esta pesquisa, a escola. A letra foi analisada e discutida em sala de aula e usada como música de fundo durante os exercícios corporais de aquecimento para as práticas artísticas que seriam propostas posteriormente na disciplina de Arte, por isso a presença dela é pertinente aqui neste trabalho escrito. Lembro que as alunas e alunos ouviram com certo estranhamento a música em questão, quando observei as expressões faciais do que cada um parecia sentir naquele momento,. A maioria das e dos estudantes relataram que estavam escutando-a pela primeira vez. Conceitos que a canção nos faz refletir sobre tudo o que as mulheres buscam romper do que o patriarcado nos quer: sendo objetos, e não sujeitas, na feminilidade compulsória que nos torna adornos a enfeitar o mundo, nas expectativas sobre casamento e maternidade, no controle de nossa capacidade reprodutiva, no etarismo que nos classifica como "gastas", "ultrapassadas" e "descartáveis.

Assim, apresentar inicialmente a mulher, professora, mãe, artista, feminista, arte educadora, performer que sou, também será necessário para entender os processos a qual a identificação com a pesquisa e minha construção da infância à vida adulta e, claro, o meu contato com a arte, corroboraram ao que este estudo propõe: a performance como meio para a desconstrução da violência contra as mulheres.

Triste, louca ou má

COMPOSIÇÃO: JULIANA STRASSACAPA / ANDREI MARTINEZ KOZYREFF/ MATEO PIRACÉS-URGARTE / RAFAEL GOMES/ SEBASTIÁN PICACÉS-UGARTE

TRISTE, LOUCA OU MÁ
SERÁ QUALIFICADA ELA
QUEM RECUSAR
SEGUIR RECEITA TAL

A RECEITA CULTURAL
DO MARIDO, DA FAMÍLIA
CUIDA, CUIDA DA ROTINA

SÓ MESMO REJEITA
BEM CONHECIDA RECEITA
QUEM, NÃO SEM DORES
ACEITA QUE TUDO DEVE MUDAR

QUE UM HOMEM NÃO TE DEFINE
SUA CASA NÃO TE DEFINE
SUA CARNE NÃO TE DEFINE
VOCÊ É SEU PRÓPRIO LAR

UM HOMEM NÃO TE DEFINE
SUA CASA NÃO TE DEFINE
SUA CARNE NÃO TE DEFINE
VOCÊ É SEU PRÓPRIO LAR

ELA DESATINOU
DESATOU NÓS
VAI VIVER SÓ

ELA DESATINOU
DESATOU NÓS
VAI VIVER SÓ
EU NÃO ME VEJO NA PALAVRA
FÊMEA: ALVO DE CAÇA

CONFORMADA VÍTIMA
PREFIRO QUEIMAR O MAPA
TRAÇAR DE NOVO A ESTRADA
VER CORES NAS CINZAS
E A VIDA REINVENTAR

E UM HOMEM NÃO ME DEFINE
MINHA CASA NÃO ME DEFINE
MINHA CARNE NÃO ME DEFINE
EU SOU MEU PRÓPRIO LAR
E UM HOMEM NÃO ME DEFINE
MINHA CASA NÃO ME DEFINE
MINHA CARNE NÃO ME DEFINE
EU SOU MEU PRÓPRIO LAR
ELA DESATINOU
DESATOU NÓS

ELA DESATINOU
DESATOU NÓS
VAI VIVER SÓ
ELA DESATINOU (E UM HOMEM NÃO ME DEFINE)
DESATOU NÓS (MINHA CASA NÃO ME DEFINE)
VAI VIVER SÓ (MINHA CARNE NÃO ME DEFINE)
EU SOU MEU PRÓPRIO LAR
ELA DESATINOU (E UM HOMEM NÃO ME DEFINE)
DESATOU NÓS (MINHA CASA NÃO ME DEFINE)
VAI VIVER (MINHA CARNE NÃO ME DEFINE)
EU SOU MEU PRÓPRIO LAR

Se quiser, você pode apontar a câmera do seu celular para este *QR Code* ao lado e assistir o clipe desta música na íntegra.

Fonte: www.letras.mus.br

E pra você, há alguma música que representa algum momento de sua vida ou de uma temática que chame a sua atenção? No espaço abaixo, se quiser, você pode escrever um trecho de uma música. Ou se preferir pode desenhar sobre ela.

músicas
e
memórias







o sentido de tudo

Desde a minha tenra idade fui muito incentivada a me expressar. Minha vida foi permeada em construir meus princípios valorizando principalmente os estudos. Do prazer em aprender e colher os frutos que o conhecimento gera para um crescer pessoal. A qual tal incentivo se deu diante um profundo respeito pela forma com que minha mãe e meu pai conduziram a minha educação e a de minhas irmãs e meu irmão: que nos sentíssemos à vontade a expressar tudo o que pensamos e o que sentimos em relação a tudo à nossa volta. Esse diálogo aberto foi a forma mais bonita e justa de demonstração de amor a qual nos ensinaram, sem ter vaidades e hierarquias. Era o acolhimento e a empatia em nos ouvir e tentar nos entender verdadeiramente, ainda que fôssemos jovens demais e sem nos darmos conta do quanto isso seria importante. Nos orientando a construir aquilo que nos traria também sentido às nossas vidas para buscar a liberdade de ser o que se é.

Trazer as memórias deste período da minha vida é como abrir uma caixa, de tudo que foi vivido, do brincado, do fantasiado, do desejado, do faz-de-conta, das infinitas histórias, de transformar um objeto em outro, de brincar horas a fio em casa e na rua, ora no silêncio da minha mente, sempre cheia de ideias, ora com os tantos amigos da vizinhança, da escola, do subir em muro, do correr e do sonhar.

sonhar



Na adolescência, do grande momento para descobertas e construção da minha personalidade, da adaptação, de grandes tomadas de decisões, mas também de duras perdas. A primeira e grande perda, já não havia neste momento a presença física de meu pai, que partira com grave doença no fígado, falecendo quando eu tinha apenas 13 anos de idade. Este foi o primeiro grande baque da minha vida à tomada de consciência de um mundo real, cruel, onde tive que descobrir caminhos possíveis de um viver, de sobreviver à tamanha dor e saudade. O mundo ia muito além das paredes do meu quarto cheio de pôsteres de bandas: The Beatles, Rita Lee, Guns N' Roses, Marisa Monte... Trilha sonora da minha adolescência a qual pareciam me convidar para uma atitude de coragem para enfrentar o mundo. Adolescência também dos meus infinitos desenhos guardados em pasta a qual eu não mostrava para ninguém. O teto do quarto cheio de móbiles suspensos que criei, que atraiam meu olhar deitada na cama para divagar em meus pensamentos refletindo sobre o que acontecia ao meu redor e dentro de mim. Era meu mundo protegido, da comida diária feita com todo o amor pela minha mãe, a qual somente anos depois tive a consciência de que cada ação dela, era ver também uma mulher que caminhava a me ensinar sobre coragem e resistência diante as agruras que a vida as impôs. Anos da minha vida de tantos momentos de sorrisos e de lágrimas, das infinitas descobertas, onde o mundo começou a exigir de mim uma nova postura, uma prova de resistência, para grandes responsabilidades, e entre elas talvez uma das mais difíceis: o momento de pensar "em qual profissão eu me vejo trabalhando no futuro?".



seguir...

Havia de ser a escolha que me movesse para algo maior, que me impulsionasse para uma vivência com pessoas, eu já sabia que gostava de estar acompanhada, de conversar, de interagir... Buscava algo coletivo, de posturas reflexivas, de como eu me via no mundo e o que eu queria possibilitar para outras pessoas que me cercavam.

Aos meus 18 anos de idade, com grande apoio da família, vivendo uma condição privilegiada, tendo estudado em escolas particulares, com muito esforço após mais de uma tentativa, consigo passar no vestibular no curso de Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Pará. Universidade que já foi um dia o local de estudos do meu pai, da minha irmã mais velha e do meu irmão.

Hoje, aos meus 36 anos de idade, relembrando a trajetória até aqui, destes que já somam 12 anos de experiências profissionais na área da educação: trabalhando em espaços de educação não formal em que ministrei oficinas no planetário do Pará, em monitorias e mediações em exposições realizadas em museus e galerias em Belém, seja assumindo o desafio diante o ensino de jovens e adultos (EJA) e por fim, e não menos desafiadora, a educação básica do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Trabalhando em escolas particulares e sendo funcionária pública na Secretaria de Educação e Cultura da cidade de Belém.

Da caminhada profissional e pessoal, vem a mudança de cidade, de ares, assim começa minha relação com a cidade de Manaus. Com as mais infinitas oportunidades, passei a retribuir com o meu laborar, com a troca e partilha que considero serem importantes na expansão da arte, em conhecer outros lugares e suas realidades. Da gratidão das amizades e partilhas aqui construídas, do afago do sol, mas sem esquecer minhas outras raízes, mais ainda mais profundas, quando tenho oportunidade de rever minha família no Estado do Pará.

Devo destacar minha gratidão à Manaus, pois nesta cidade que tive a oportunidade de iniciar na área da pesquisa no curso de Especialização em Ensino de Arte da Universidade do Estado do Amazonas, curso que me deu a oportunidade de conhecer outras artistas e professoras de Arte. Ouvindo relatos profundos, valorosos e fortes que permeiam a labuta da profissão, e diante disto pensar metodologias como estratégias de mudar a realidade de invisibilidade ainda de artistas do Norte do Brasil.

Deste contato com a pós-graduação e o diálogo com outras artistas mulheres, abriu-se uma gama de novas perspectivas que semearam minha evolução (e revolução) na condição de mulher, diálogos que geraram o incômodo necessário para agir, e resgatar a “artista” em concomitância à docência.

Neste compromisso ao ingressar no curso de mestrado, considero pertinentes algumas informações que devo relatar, à forma e alguns percalços a qual este percurso na minha caminhada se deram.

Desde as etapas, a seleção, ingresso e boa parte das aulas do mestrado ocorreram durante o período a qual o mundo passava por uma pandemia pelo vírus da COVID-19, a qual é importante frisar que a coordenação do curso seguiu cumprindo com todos os protocolos recomendados em orientação a OMS (Organização Mundial da Saúde) para prevenção do vírus, por isto grande parte das aulas, da grade curricular das disciplinas obrigatórias e optativas, foram ministradas de forma remota, sendo as aulas ministradas em plataformas virtuais (*Google Meet* e *Team)*. Aqui ressalto a minha profunda admiração aos professores do curso do mestrado em Artes, pela grande resiliência em adaptarem suas metodologias e práticas no compromisso em prol da educação ao aceitarem o desafio em darem continuidade as aulas. Como também enfatizo minha admiração a nós discentes, desta que foi a primeira turma do Mestrado profissional em Artes do Amazonas. Juntas e juntos só pudemos seguir porque acreditamos na Educação deste país e nos frutos que a Educação nos possibilita. Deixo aqui uma homenagem póstuma ao colega de turma, Evandro, vítima da COVID-19.

Informo também que ao flexibilizarem alguns protocolos de saúde pública diante a COVID-19 e assim o retorno das aulas presenciais nas escolas estaduais e municipais de Manaus, no decorrer do curso de mestrado houve em particular alguns protocolos a qual na minha condição especial foi necessário me ausentar da sala de aula de forma presencial. Motivos estes: Primeiramente minha gravidez. Gestação esta a qual me afastou temporariamente do trabalho presencial durante 9 meses através da Lei 14.151/21, lei esta que garantiu temporariamente o afastamento da gestante do trabalho presencial com remuneração integral durante a emergência de saúde pública do novo coronavírus. Onde foi necessária realizar parte de minha pesquisa, assim o contato com as e os estudantes apenas de forma remota, via grupos formados na rede social WhatApp. O segundo motivo foi a necessidade de me afastar temporariamente pelo direito a Licença Maternidade, em conformidade as leis que garantem a alimentação exclusiva de leite materno ao recém-nascido por 180 dias. Tempo este a qual mesmo com todas as demandas e cuidados que um bebê recém-nascido requer, sempre tentei conciliar com boa parte dos estudos do curso de mestrado.

Tendo estes e vários outros desafios, sejam pessoais ou de percurso, não há dúvidas do apoio recebido e da busca incessante em superá-los, um a um, por isto esta pesquisa já é resultado por si, da resistência a qual as mulheres devem exercer em suas vidas.





“QUANTO A MIM
SEREI POESIA
ATÉ O FIM”

Marli Cerqueira



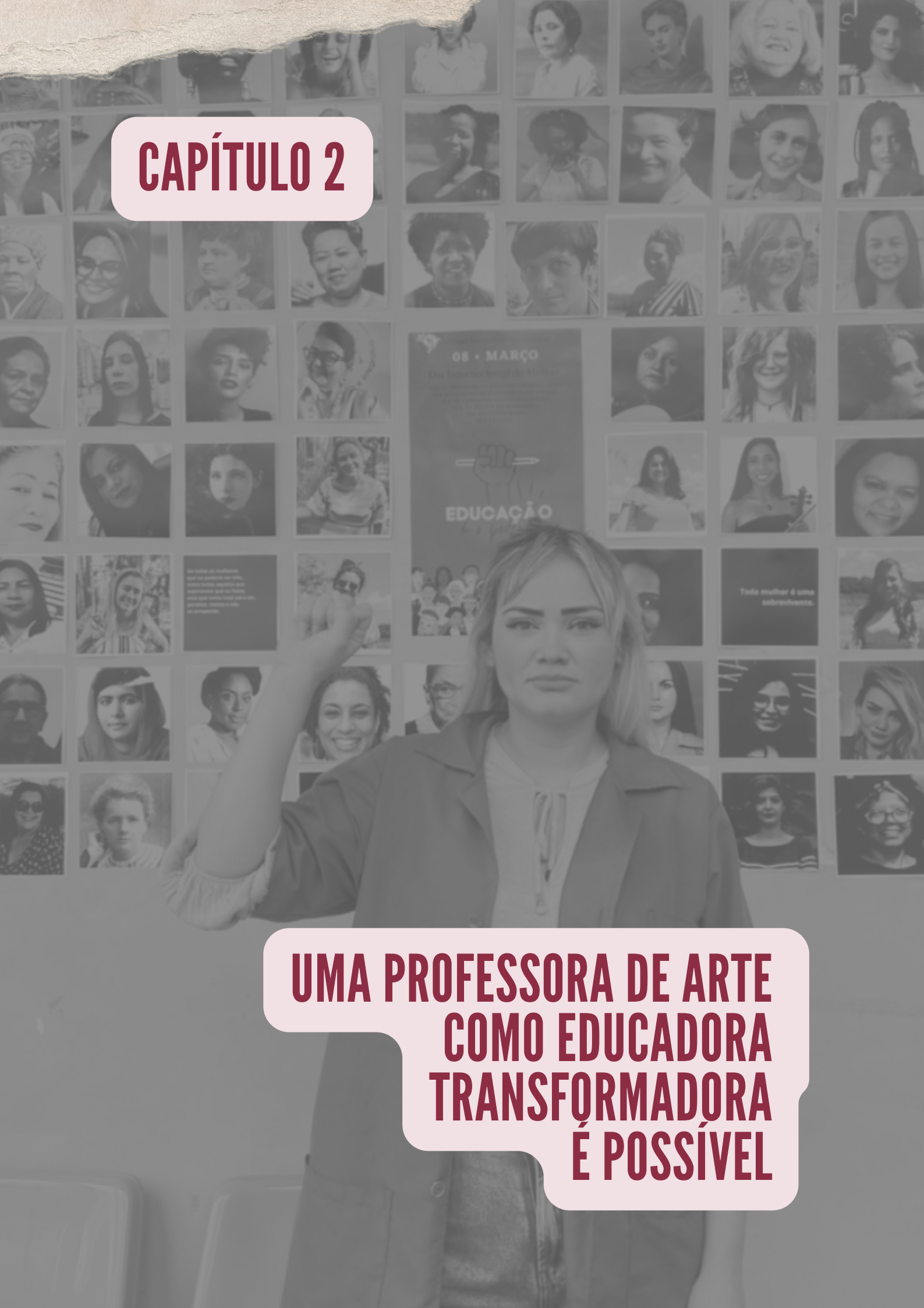
Destes diálogos não foi difícil pensar na temática a ser abordada. Pois não é incomum encontrar mulheres que não tenham passado por violências ou vivenciado relacionamentos abusivos. A qual a discussão se deu pela mesma forma com que esses relacionamentos se deram em seu decorrer: com chantagens, manipulações, traumas. Comportamentos geram nas mulheres uma insegurança, sendo interessante para o patriarcado manter tal postura. Afinal, mulheres inseguras não articulam, não se priorizam, não projetam sua voz no mundo, desconhecem seu potencial, rivalizam com outras mulheres, são dependentes, passam suas vidas perseguindo aprovação alheia (em especial masculina). E, por isso, mulheres não fazem revolução. Assim como eu, a maioria das mulheres não nasceram feministas, foram descobrindo a teoria e despertando para o machismo que as rodeavam na prática.

Motivada em não "normalizar" o machismo, com culpas que não pertencem às mulheres. Muitas compartilham que tinham relacionamentos de longa época e que - quando se perceberam feministas - a convivência com seus parceiros mudou. Por isso a violência contra as mulheres é assunto tão pertinente a qual gerar reflexões e que devem ser dialogadas nos espaços que permeiam a educação. Sendo conhecimento que leva a mudanças de posturas de meninos, mas principalmente o de meninas, valorizando suas autoestima e o seu existir, para reconhecendo que o grito que era normalizado, a negligência que era tolerada, a pressão para ter intimidade sexual, o controle, são comportamentos que passam a ser vistos de uma ótica diferente e já não tolerados.

Pensar metodologias para essa desconstrução, com olhares mais amplos acerca de pautas feministas já não era só um incomodo meu, mas uma via de mão dupla a qual toda a sociedade ganha. Performance e Desconstrução da violência é ainda uma temática ainda pouco discutida no âmbito escolar, ainda com poucas leituras acadêmicas disponíveis, mas com possibilidades de propostas artísticas potentes para serem desenvolvidas. Quanto às leituras e fundamentação teórica desta pesquisa, algumas autoras tão importantes contribuíram neste caminhar aqui juntas, a qual destaco: Ana Mae Barbosa, Djamila Ribeiro, Bell Hooks, Simone de Beauvoir, Heleieth Saffioti, Anke Bangma, Judith Butler, entre outras.

minha fundamentação teórica





CAPÍTULO 2

UMA PROFESSORA DE ARTE COMO EDUCADORA TRANSFORMADORA É POSSÍVEL

ir além.

Trago nesta dissertação registros de um processo que busca por uma metodologia utilizando a performance enquanto meio de criação. Para isto foi preciso buscar práticas educativas que despertassem nas estudantes seu senso crítico através da arte diante obras com temáticas sobre a violência contra as mulheres em todas as suas formas. Os objetivos portanto, eram trazer primeiramente a consciência de que para transformar as mais diversas posturas culturais, estruturais, enraizadas na sociedade, estas manifestadas por diferentes indivíduos que se relacionam nas vivências e diversidades de outros componentes da sociedade, foi preciso uma tomada de consciência, de que podemos representar o desejo da criação dotada de crítica, a qual através da arte seria possível.

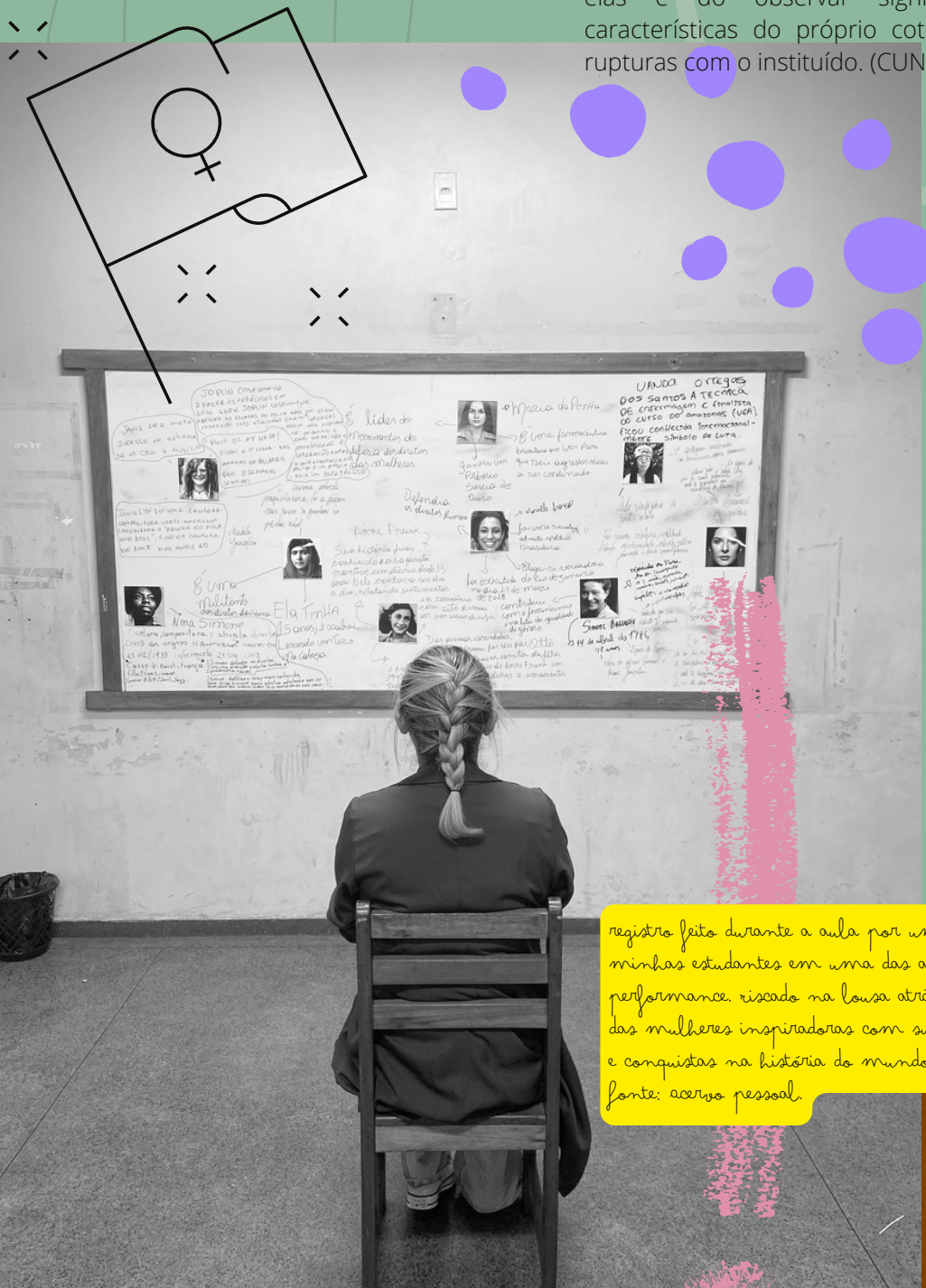
Para isto, a capacidade de se reconhecer como mulher e o controle de seus corpos, bem como, capaz também de perceber a semelhança com outras mulheres, para assim respeitar as diferenças e a partir disso criar individualmente e também coletivamente através dos estudos que abrangem a grade curricular do ensino de arte. Sobre isso os Parâmetros Curriculares Nacionais afirmam que:



> "A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido a experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas. Esta área também favorece ao aluno relacionar-se criadoramente com as outras disciplinas do currículo". (BRASIL,1997 p. 19).

Podendo a arte se manifestar em diferentes funções, extremamente distintas umas das outras, e ainda assim representar conceitos novos pelas pessoas que as exercem. A disciplina de Arte, a sensibilidade e a percepção para lidar com diferentes linguagens, técnicas e formas de enxergar esse mundo, conduzindo um olhar de desconstrução, criando o interesse para o conteúdo da linguagem artística. Sobre isto, Cunha diz:

> O ensino da arte, em qualquer nível, deve abranger tanto a construção de imagens como contribuir para que os estudantes realizem leituras conscientes e sensíveis das tantas imagens que estão aí, nos meios de comunicação, muitas vezes consumidas passiva e indiscriminadamente por elas e do observar significa desvelar nuanças e características do próprio cotidiano e ir além, propondo rupturas com o instituído. (CUNHA, 2012, p. 27).



registro feito durante a aula por uma das minhas estudantes em uma das aulas sobre performance. riscado na lousa atrás, algumas das mulheres inspiradoras com suas vivências e conquistas na história do mundo. 2023. Fonte: acervo pessoal.

A arte traz consigo um saber repleto de nuances, baseadas nas características do cotidiano, da comunicação e no contato nos mais diversos níveis que o ensino da arte abrange. Ela propõe rupturas com aquilo que é restituído e pode ir além. As linguagens da arte podem revelar uma construção consciente e sensível do ser humano e de sua forma de dialogar com o mundo. Com estas abordagens, nas vivências deste estudo da busca da desconstrução da violência contra a mulher, é o passo para irmos literalmente à prática. E sobre essas possibilidades que o ensino da arte oferece como meios para transformações, a partir de intervenções feitas em sala de aula, Ana Mae Barbosa, afirma que:

> Por meio da arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação para aprender a realidade do meio ambiente desenvolver a capacidade critica permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada (BARBOSA, 2009, p. 21).



figura 3 - da trajetória como professora, registro muito significativo feito com a escritora de grande referência em arte-educação no brasil, ana mae barbosa - no encontro da 29ª edição do congresso nacional de arte-educadores - confaeb.. local: universidade federal do amazonas.. ano: 2019. fonte: acervo pessoal da autora.

A arte tem essa capacidade incrível de influenciar, de atingir pessoas, de humanizar e quebrar posturas das mais diversas formas de preconceito e discriminações. Por conta disso a sala de aula é de perfeita simbiose, pois o espaço da escola é extremamente fértil para ações que despertem a sensibilização, a compreensão e adoção de novas práticas. Sobre isto nos afirma Passos:

> **"A arte pode ser representada de diversas formas e expressões. Sobretudo, ela tem um importante papel social, na construção de causas transformadoras de vidas e desconstrução de paradigmas e estereótipos que contribuem para qualquer tipo de violência". (PASSOS (2021. P. 1)**

A sala de aula em sua condução pode ofertar pelo meio da disciplina de Arte novas percepções facilitadoras para quebra de tabus, tal qual a violência contra a mulher, assunto este a qual pude perceber ao longo de toda a minha vida, e que por mim mesma foi tão evitado expor e falar, seja no ambiente acadêmico, no trabalho ou com a família.

Conforme preconizam LDBE e os Parâmetros Curriculares Nacionais o ensino deve buscar criar o indivíduo autônomo e crítico de suas ações, capaz de se construir um cidadão pleno. E é neste contexto que sendo professora da disciplina de Arte consegui trazer de forma mais leve e objetiva temáticas tão pertinentes, não explicitadas e discutidas pela linguagem dos próprios jovens.



a pergunta certa a se fazer...

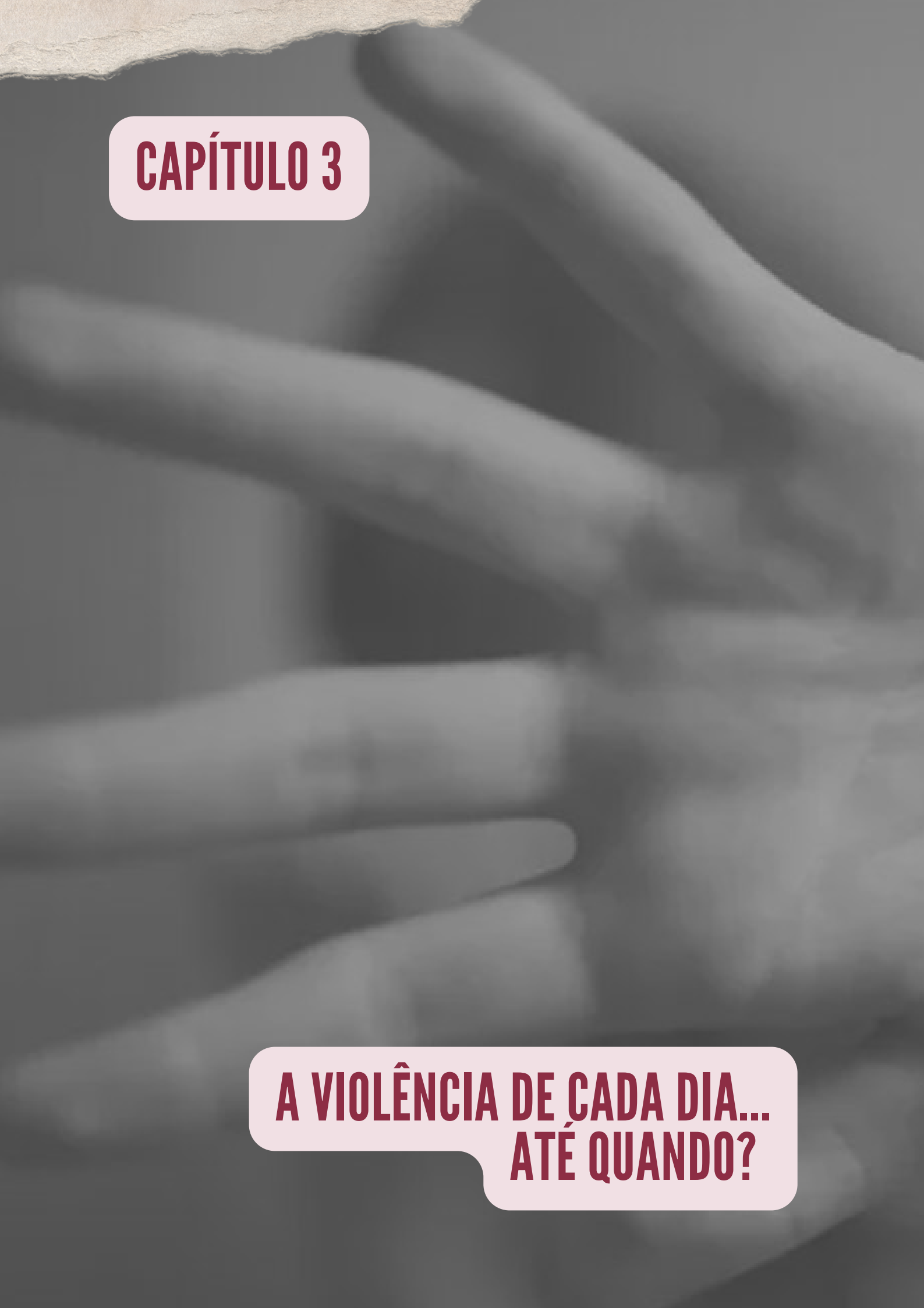
PORQUE ESTOU ESCREVENDO SOBRE ISSO?

PARA ROMPER COM O SILÊNCIO DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES.

a pergunta certa a se fazer...

PORQUE USAR A ARTE PARA ISSO?

PARA SALVAR VIDAS.



CAPÍTULO 3

A VIOLÊNCIA DE CADA DIA... ATÉ QUANDO?

nem tudo são flores

A violência contra a mulher, ainda é um problema que existe em todos os grupos sociais, independentemente de renda, raça ou crença religiosa. É o resultado de sociedades onde prevalece uma lógica patriarcal, baseada no sexismo, preconceito e misoginia. O local de submissão e controle do comportamento e dos corpos diante das mulheres ainda prevalecem enraizados na cultura, deste histórico LEITE E NORONHA escreveram que:

> **Claramente, a violência é ainda a prerrogativa do jovem do sexo masculino, especialmente quando confrontado com as contradições e os paradoxos do desejo contrariado e da ausência de poder social e pessoal. Indo mais fundo dentro da oficina histórica e cultural da masculinidade, um jovem pode sempre recuperar a última ferramenta da auto-assertividade masculina: o poder através da violência. (HATTY, 2000, p. 6)**



Uma cartilha machista, de mais precisamente entre os séculos XII ao XV nesta mesma lógica, tido como "manuais de conduta feminino" - mais conhecidos como *livros de cortesia* - tornavam essas violências mais normalizadas do que hoje. A castidade por exemplo, era o principal conselho.

Em uma sociedade patriarcal teriam que obedecer às crenças religiosas dessa mesma sociedade. Isso significa que as mulheres deveriam agir de forma submissa em casa, o que até os dias atuais isso tem sido apoiado pela religião, que também contribuiu para criar uma cultura de obediência dentro das mulheres. Nas religiões mais antigas e fundamentadas tendo o conceito de família como cerne, não há uma real representatividade do que é ser mulher, a mulher é colocada como ser puro, intocável, divino e de obediência e submissão. Caso não seja desta forma, é amaldiçoada, cujo seus pecados devem sofrer por eles punição.





É preciso constatar que diante as novas condições de poder financeiro feminino com a entrada no mercado de trabalho e dos direitos conquistados, a mulher em tempos mais presentes, Leite e Noronha (2015) afirmam que:

> **A mulher moderna passou a trabalhar fora de casa, possui a livre escolha de ter ou não filhos, podendo casar-se ou não, a mulher conquistou a autonomia tão desejada e que nunca lhes foi concedida, passou a tomar decisões sozinhas, podendo hoje liderar o seu lar e construir uma família, pode criar seus filhos sozinha ou trabalhar enquanto o marido realiza as atividades domésticas. A mulher não conseguiu apenas o direito de trabalhar, de escolher quando ter filhos ou não, mas trata-se de algo maior que isso, foi uma grande conquista que ainda não está completa pois a sociedade apesar de aceitar a mulher como um indivíduo dotado de autonomia e direitos, ainda existe o preconceito tanto por homens que não aceitam a condição da mulher quanto de mulheres que continuam a pensar de maneira retrógrada. (LEITE E NORONHA p. 4-5)**



Nos últimos anos, a vida das mulheres passou por muitas mudanças. Isso não é algo que acabou de acontecer - foi o resultado de muitas resistências diante às formas como a sociedade historicamente tratou as mulheres. Mesmo assim, essas mudanças continuam a causar muita controvérsia em alguns círculos. Por exemplo, as mulheres não têm mais medo de falar e desafiar os valores tradicionais. Ao mesmo tempo, muitas pessoas ainda não aceitam as conquistas das mulheres ou acreditam que elas valem tanto quanto os homens. Essa luta continua, mas, no final, são as mulheres que vão vencer - porque elas se recusam a desistir de seus sonhos e esperanças.



violências em cor e gênero

A violência contra a mulher está pautada em como é tradicionalmente vista, o que é diferente para os homens. Isso significa que as mulheres podem experimentar violências de formas diferentes com base em sua cor e seu gênero. Sobre as violências relacionadas a cor, Djamila Ribeiro, uma das filósofas e feministas negras mais importantes no cenário social e político brasileiro atual, nos diz que não há como lutar contra o machismo se não lutarmos contra o racismo, pois ambos alimentam a mesma estrutura de poder (RIBEIRO,2009).

Sobre as violências de gênero, conceito que se difere de orientação sexual de uma pessoa, este sendo as práticas sexuais dos sujeitos. O conceito de gênero é definido (e continuamente redefinido), Para Saffioti (2004), o gênero está longe de ser um conceito neutro. Pelo contrário, ele “carrega uma dose apreciável de ideologia” (p. 136): justamente a ideologia patriarcal, que cobre uma estrutura de poder desigual entre mulher e homens e em como uma pessoa se reconhece de maneira social e identitária quanto ao sexo de seus corpos: onde mulheres e homens ao nascer foram designados/as (cis-gênero), ou sendo mulheres e homens transexuais, intersexos, transgêneros, travestis, dentre outros. Trata-se portanto de um conceito que se comunica diretamente com as práticas sociais e a estrutura cultural, que reforçam as desigualdades e discriminações de acordo com estereótipos e papeis de gênero. Simone de Beauvoir já havia aprofundado esta discussão sobre construção e desconstrução do termo gênero e, mais atualmente, um outro nome é destaque, Judith Butler que fez a seguinte afirmativa:

> O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser.
> (BUTLER, 2003, p. 59).





VENCI TODOS OS MEUS PIORES DIAS ATÉ AQUI



hoje também vou conseguir.

triste realidade...

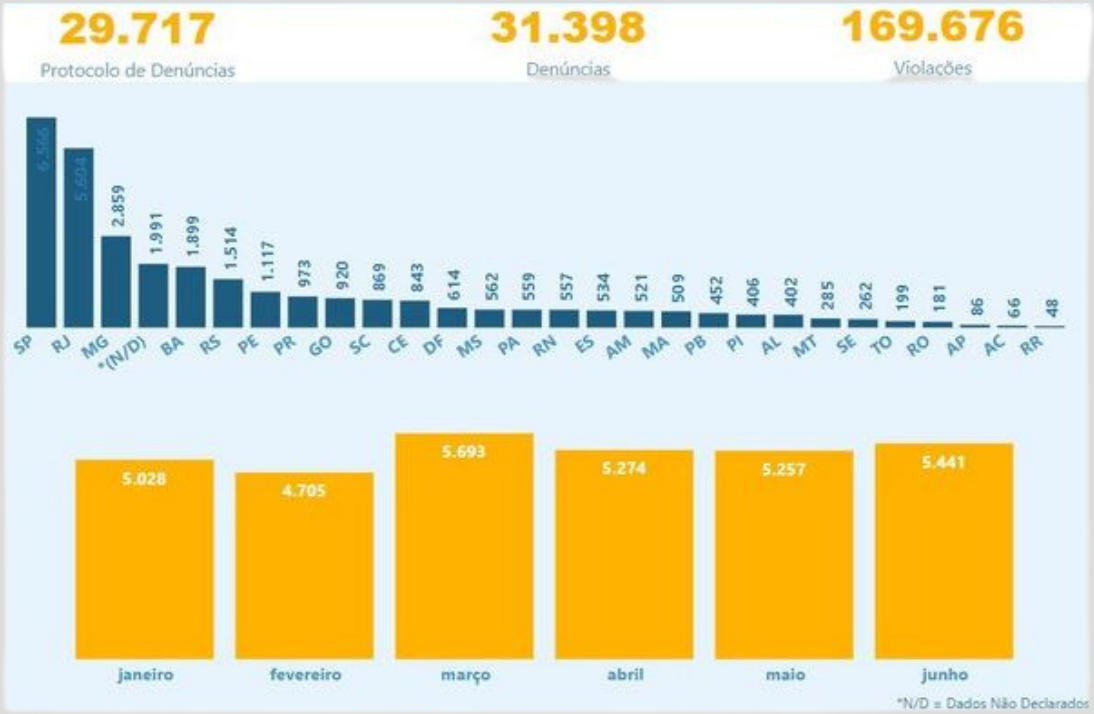
Ainda que haja conquistas de causas às mulheres, é necessário o alerta, a qual o machismo e a misoginia demonstram ainda ainda estarem tão presentes no dia a dia das mulheres: nos dados estatísticos. Dados estes que continuam a crescer com inúmeras violências pelas quais as mulheres são violentadas e abusadas - física, sexual, psicológica, moral ou por danos materiais.

No primeiro semestre de 2022, o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) recebeu 31.398 denúncias e 169.676 denúncias de violência doméstica contra a mulher no Brasil.

Constam nos dados mais recentes que o número de casos de violação contra mulheres brasileiras é maior do que o número de denúncias recebidas. Isso porque uma mesma denúncia pode conter mais de uma violação de direitos humanos. Os dados abaixo desta página referem-se à violência contra a mulher brasileira até a primeira semana de julho de 2022.

Por isso é importante garantir que todas as pessoas tenham acesso a informações sobre como denunciar a violência contra a mulher e punir seus agressores.

Infográfico - índices de denúncias de Violência contra a mulher no Brasil - julho de 2022.



Fonte: Assessoria de Comunicação Social do MMFDH

No Estado do Amazonas por exemplo houve um grande aumento de casos de feminicídio entre 2020 e 2021. Em 2020, foram 68 casos, número que subiu para 110 em 2021. Além disso, a tentativa de feminicídio aumentou de 30 para 51%. Esses números são do Anuário Brasileiro de Segurança Pública.

O feminicídio é um crime em que alguém tenta matar uma mulher. A pena para esse crime pode chegar a 30 anos de prisão.

Em 2019 e início de 2022, 38 mulheres foram mortas na capital do estado do Amazonas por causa da violência. a qual o Estado impôs uma quarentena para evitar a propagação da pandemia de Covid-19.

O Anuário mostra que houve um aumento no número de agressões contra mulheres, de 2.352 para 2.617, com um aumento percentual de 11%. Isso significa que o número de medidas de proteção (como obter uma ordem de restrição) cresceu 6%, enquanto reclamações de assédio sexual (como ser ridicularizado ou tocado de uma forma que o deixa desconfortável) cresceu 26%.

Em 2023, segundo os dados da Fundação de Vigilância em Saúde Pública do Amazonas, até a data de 15 de abril de 2023, nos 4 primeiros meses do ano foi constatado que houve uma redução dos casos em 28,88%, em comparação ao mesmo período de 2022, quando foram registrados 1.340 casos.



O Amazonas ocupa a terceira posição no ranking nacional de assassinatos de mulheres em 2022.

Fonte: Secretaria de Segurança Pública do Estado do Amazonas.

Um panorama mais atualizado sobre os dados da violência contra a mulher no Brasil, segundo a 4ª edição da pesquisa "Visível e Invisível", encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, junto ao Instituto Datafolha divulgada em março de 2023, mostra que:



Mais de 18 milhões de mulheres sofreram alguma forma de violência em 2022 (50.962 casos diários, equivalente a um estádio de futebol lotado).

33,4% das mulheres com 16 anos ou mais viveram alguma forma de violência física e/ou sexual por parte de companheiros. Este resultado é superior à média mundial, estimada em 27% segundo a OMS.

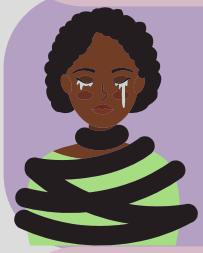




Dentre as formas de violências, 24,5% afirmaram ter sofrido agressões físicas; 21% sofreram violência sexual; 32% foram vítimas de violência psicológica (ex. Insultos, humilhações).

Outras formas de comportamento abusivo relatadas foram o excessivo controle por parte do parceiro - 12,9% das mulheres relataram ter sido impedidas de se comunicar com familiares ou amigos e 9,8% afirmaram ter tido acesso negado a recursos básicos (ex. saúde, comida, dinheiro).





Mulheres negras, jovens, com menor nível de escolaridade e separadas/divorciadas apresentaram maiores níveis de vitimização. Isso mostra como as vulnerabilidades se somam e a importância de um olhar intercecional e multidisciplinar por parte dos profissionais da rede de assistência social e de saúde.

11,2% das brasileiras informaram terem sofrido assédio físico durante uma balada/festa, com abordagens agressivas e contra a sua vontade.





46,7% relataram terem sofrido algum tipo de assédio sexual, o que equivale a 30 milhões de mulheres. Dessas, 41% receberam cantadas na rua; 18,6% no ambiente de trabalho; 12,8% em transportes público. São cerca de 16 mulheres assediadas fisicamente no transporte público no Brasil por minuto.

Infográfico - índices da Violência contra a mulher no Brasil - Março de 2023.

Existe ainda uma imensa luta a se travar diante de tais estatísticas de violência contra a mulher, e isso é algo que precisa ser mais discutido e explanado. É importante ressaltarmos de uma forma que inclua todas as mulheres, não apenas aquelas que não são afetadas da mesma forma pela violência. Por exemplo, mulheres negras e pobres são mais propensas a serem afetadas pela violência do que mulheres brancas. E apesar da legislação brasileira ter evoluído em alguns dos aspectos e de estarmos vivendo no ano de 2023, a cultura de violência contra as mulheres é confirmada diante os dados oficiais nesta triste realidade. Sobre a violência, TELES e MELO (2002) afirmam que:

> "A violência em seu significado mais frequente quer dizer uso da força física, psicológica ou intelectual para obrigar outra pessoa a fazer algo que não está com vontade, é constranger, é tolher a liberdade, é incomodar, é impedir a outra pessoa de manifestar seu desejo e sua vontade, sob pena de viver gravemente ameaçada ou até mesmo ser espancada, lesionada ou morta. É um meio de coagir, de submeter outrem ao seu domínio, é uma violação dos direitos essenciais do ser humano". (TELES E MELO. 2002, p. 11)

Partindo da autora Heleieth Saffiotti (2015) do livro *Gênero, patriarcado e violência,* ela define o conceito de violência a partir da forma como a sociedade considera normal e natural que homens maltratem as mulheres. A criminalidade e a violência pública são uma violência masculina, ou seja, sexuada. Onde o principal argumento da diferença entre homens e mulheres, se dá na disparidade muscular, que deve ser interpretada em diferentes níveis. Além disso, somos sujeitas aos homens que têm sua força e dominação valorizada de forma bastante explícita, em prol da sua virilidade. Com isso, a violência funciona como um mecanismo de sujeição aos homens.



Segundo a Lei Maria da Penha[3] (Capítulo II, art. 7º, incisos I, II, III, IV e V), estão previstos cinco tipos de violência doméstica e familiar contra a mulher.



VOCÊ SABE QUAIS SÃO OS TIPOS DE VIOLÊNCIAS PRATICADOS CONTRA A MULHER?

VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA

Qualquer conduta que cause dano emocional, diminuição da autoestima ou vise degradar ou controlar ações, comportamentos, crenças e decisões.

- manipulação, chantagem, humilhação
- proibir de estudar, viajar, trabalhar ou falar com amigos e parentes
- perseguição e/ou vigilância constante
- limitação do direito de ir e vir
- tirar a liberdade de crença
- distorcer e omitir fatos para deixar a mulher em dúvida sobre a sua memória e sanidade

VIOLÊNCIA MORAL

Inclui qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

- Acusar a mulher de traição
- Emitir juízos morais sobre a conduta
- fazer críticas mentirosas
- expor a vida íntima
- rebaixar a mulher por meio de xingamentos que incidem sobre a sua índole
- desvalorizar a vítima pelo seu modo de se vestir

VIOLÊNCIA SEXUAL

Qualquer conduta que obrigue a mulher a presenciar, manter ou participar de relação sexual não desejada mediante ameaça, coação ou uso de força.

- Estupro
- obrigar a atos sexuais que causam desconforto ou repulsa
- impedir o uso de métodos contraceptivos ou forçar a mulher a abortar
- forçar matrimônio, gravidez ou prostituição
- limitar ou anular o exercício dos direitos sexuais e reprodutivos da mulher

VIOLÊNCIA FÍSICA

Entendida como qualquer conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal da mulher.

- espancamento
- atirar objetos, sacudir e apertar os braços
- estrangulamento ou sufocamento
- lesões com objetos cortantes ou perfurantes
- ferimentos causados por queimaduras ou armas de fogo
- tortura

VIOLÊNCIA PATRIMONIAL

Qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, direitos ou recursos econômicos.

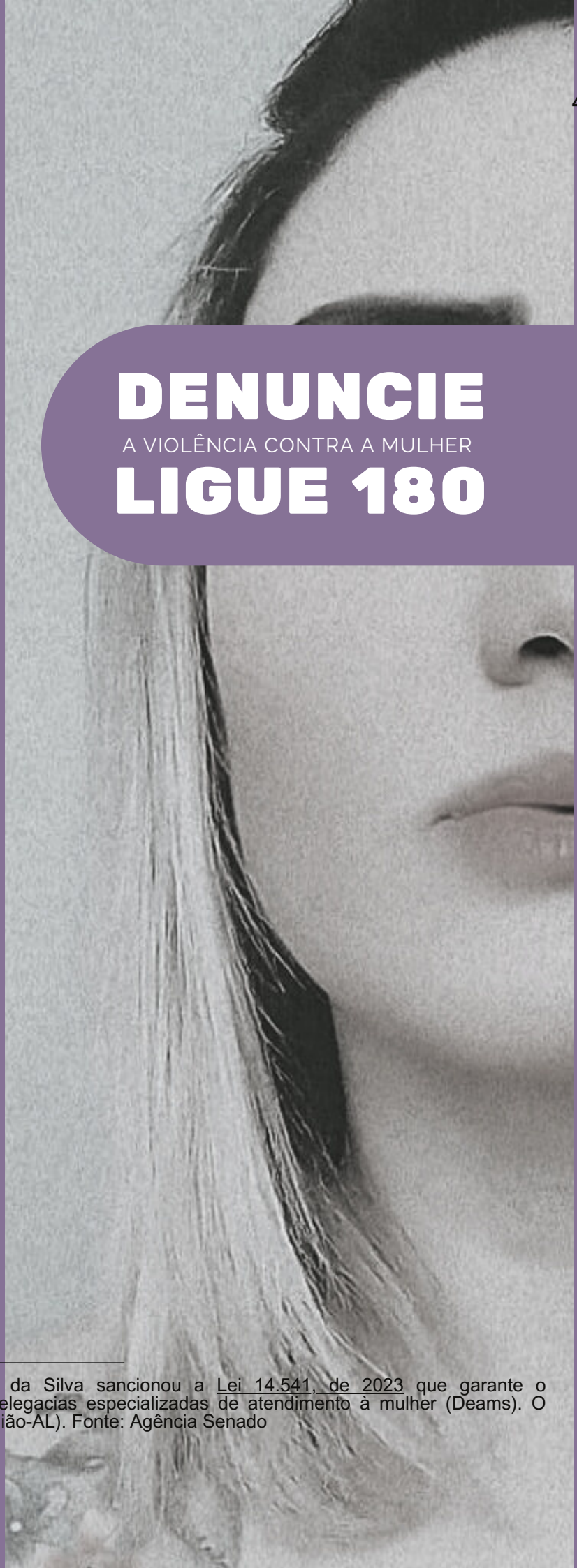
- controlar o dinheiro
- deixar de pagar pensão alimentícia
- destruir documentos pessoais
- praticar furto, extorsão, estelionato
- privar de bens, valores ou recursos econoômicos
- causar danos propositais a objetos da mulher ou dos quais ela goste

Fonte: www.institutomariadapenha.org.br

[3]A Lei Maria da Penha foi sancionada em 7 de agosto de 2006 pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Com 46 artigos distribuídos em sete títulos, ela cria mecanismos para prevenir e coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher em conformidade com a Constituição Federal (art. 226, § 8°) e os tratados internacionais ratificados pelo Estado brasileiro (Convenção de Belém do Pará, Pacto de San José da Costa Rica, Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem e Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher).

OUTROS CANAIS DE ATENDIMENTO EM MANAUS/AM:

Disk Denúncia – 181
Disk Polícia (AM) – 190
Ronda Maria da Penha (Manaus) – (92) 98842-2258
Delegacia Especializada em Crimes contra a Mulher[4] – DECCM

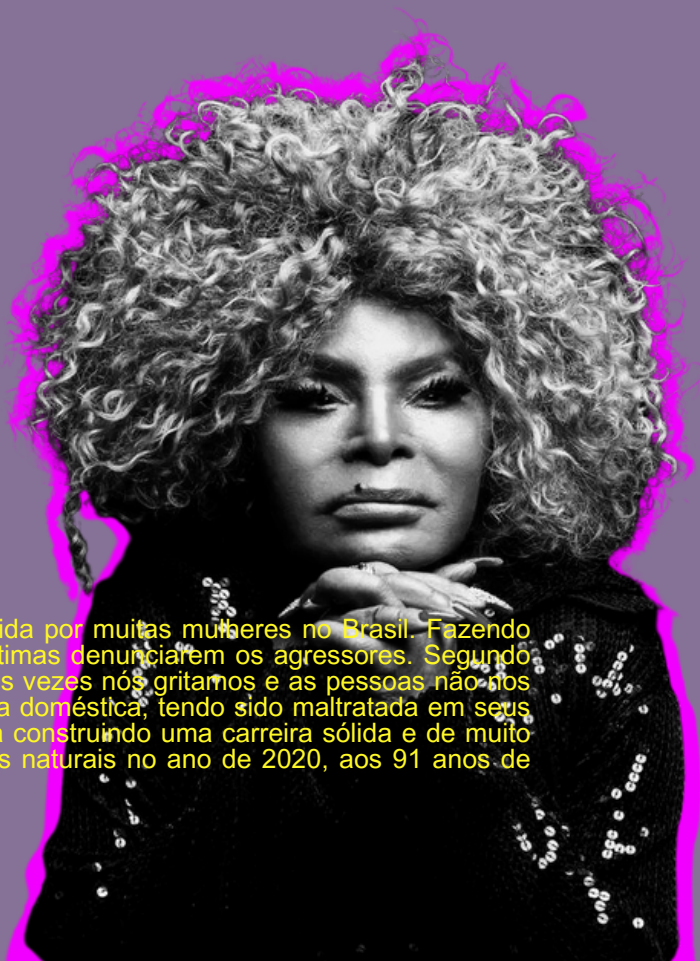


[4] O presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a Lei 14.541, de 2023 que garante o funcionamento ininterrupto das delegacias especializadas de atendimento à mulher (Deams). O autor, senador Rodrigo Cunha (União-AL). Fonte: Agência Senado

“cadê meu celular?
eu vou ligar pro 180
vou entregar teu nome
e explicar meu endereço
aqui você não entra mais
eu digo que não te conheço
e jogo água fervendo
se você se aventurar”

TRECHO DA MÚSICA "MARIA DA VILA MATILDE",[5] DE ELZA SOARES

assista através do qr code, elza soares - maria da vila matilde (oficial - ao vivo no auditório do ibirapuera. fonte: youtube.



[5] A canção traz em sua letra a violência doméstica sofrida por muitas mulheres no Brasil. Fazendo referência à Lei Maria da Penha, à importância das vítimas denunciarem os agressores. Segundo Elza, a música serve para denunciar, para gritar. Muitas vezes nós gritamos e as pessoas não nos ouvem. Elza Soares que também foi vítima de violência doméstica, tendo sido maltratada em seus dois casamentos. No entanto, ela deu a volta por cima construindo uma carreira sólida e de muito sucesso até o fim de sua vida. Elza faleceu de causas naturais no ano de 2020, aos 91 anos de idade.

pelo espaço que sempre
foi nosso no mundo



lutas, avanços, direitos e conquistas.

À medida que as mulheres se organizam e compartilham informações, elas começam a perceber e nomear os diferentes tipos de violência que enfrentam. Isso levou a uma melhor compreensão da tragédia social da violência contra as mulheres e deu origem a diretrizes para o enfrentamento desse problema. As diretrizes que foram criadas buscam intervenções e novas discussões, sobre isto Camurça (2014) destaca:

> Do ponto de vista mais amplo, afirmam feministas, a pauta do movimento de mulheres no Brasil tem se diversificado, girando em torno de 4 dimensões da vida cotidiana. “O tema da violência, seja a violência que se dá pela ausência de políticas públicas, seja a violência que se observa em termos culturais e ideológicos, seja ainda a violência física propriamente. O tema da autonomia reprodutiva e autodeterminação das mulheres sobre o seu corpo, que diz respeito aos direitos sexuais e reprodutivos. A questão do mundo do trabalho, cuja inserção feminina tem sofrido impactos do modelo desenvolvimentista que o país tem praticado, que inclui a construção de hidrelétricas e a expansão do agronegócio e afeta, assim, a autonomia econômica de mulheres rurais, ribeirinhas e pescadoras, assim como das mulheres indígenas e quilombolas. E, por fim, a participação das mulheres nas instâncias de poder”, (Silvia Camurça, integrante do “SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia” e militante da Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB).



Nos anos 2000, os movimentos feministas começaram a usar os meios digitais para atingir seus objetivos. Isso permitiu que mais mulheres participassem do movimento, independentemente de onde morassem. Redes sociais como Facebook, Twitter e Instagram permitiram que nós nos comunicássemos e trabalhássemos juntas para mudar a maneira como a sociedade funciona.

Isso significa que o movimento feminista se tornou mais inclusivo porque muitas mulheres aderiram às redes sociais para expressar suas preocupações sobre o sexismo e o machismo presentes na sociedade. Não é necessário que nós feministas estejamos sempre em confronto direto nas ruas em protestos ou façam parte de um grupo de mulheres, mesmo que seja apenas para ouvir sobre os eventos.

As mulheres estão buscando maneiras de assumir o controle de suas próprias vidas, e essas buscas ajudaram a legitimar suas ansiedades. Agora a luta é pela igualdade, que é a única condutora do nosso destino.



Linha do tempo: Conquistas do feminismo no Brasil

1827 – Meninas são liberadas para frequentarem a escola

1832 – A obra "Direitos das Mulheres e Injustiças dos Homens" é publicado

1879 – Mulheres conquistam o direito ao acesso às faculdades

1910 – O primeiro partido político feminino é criado

1932 – Mulheres conquistam o direito ao voto

1962 – É criado o Estatuto da Mulher Casada

1974 – Mulheres conquistam o direito de portarem um cartão de crédito

1977 – A Lei do Divórcio é aprovada

1979 – Mulheres garantem o direito à prática do futebol

1985 – É criada a primeira Delegacia da Mulher

1988 – A Constituição Brasileira passa a reconhecer as mulheres como iguais aos homens

2002 – "Falta da virgindade" deixa de ser motivo para anular o casamento

2006 – É sancionada a Lei Maria da Penha

2015 – É aprovada a Lei do Feminicídio

2018 – A importunação sexual feminina passa a ser considerada crime

2021 – É criada lei para prevenir, reprimir e combater a violência política contra a mulher

2023 – Delegacias de atendimento a Mulher passam a funcionar 24h

Quais serão as nossas próximas conquistas?

Fonte: *https://nossacausa.com/conquistas-do-feminismo-no-brasil/*





CAPÍTULO 4

ARTISTAS E CAMINHOS NA PERFORMANCE

breves conceitos

As etimologia da palavra...

Performance vem do francês antigo: *parformance*, de *parformer* (cumprir, conseguir, fazer, concluir); Fazer algo que tenha sucesso. Há também origens do latim: formada pelo prefixo per mais formáre (formar,dar forma)

Em nosso objeto de estudo, a escola, as estudantes e os estudantes que fazem parte desta pesquisa, inicialmente foram apresentados alguns conceitos básicos sobre a importância da linguagem da performance para então refletirmos sobre como esta seria necessária como para a desconstrução[6] da violência contra a mulher. Para isso um breve histórico da performance foi discutido em sala de aula, desde do surgimento desta linguagem artística, abem como, das artistas presentes do cenário mundial e da América latina. sendo este um estudo em caráter também decolonial , a qual muitas mulheres ao longo da história foram nestes espaços são não estarem nos meios são silenciadas no ensino de arte.

A performance é uma linguagem híbrida, que surgiu nas décadas de 1960 e 1970, a partir de práticas artísticas que tiveram como inspiração os movimentos vanguardistas do início do século XX. Pautadas na relação entre o trabalho artístico e as qualidades expressivas do corpo, estas experimentações tinham como objetivo o questionamento das formas artísticas tradicionais predominantes, extrapolando seus limites. A perfrormance é composta por quatro axiomas: mente, corpo, plateia e tempo.

"A liveart é um movimento de ruptura que visa dessacralizar a arte, tirando-a de sua função meramente estética, elitista [...]. É uma forma de se ver arte em que se procura uma aproximação direta com a vida, em que se estimula o espontâneo, o natural, em detrimento do elaborado, do ensaiado." (COHEN, 2002, p. 38).

[6] "A decolonialidade é considerado como caminho de resistência para desconstruir padrões, conceitos e perspectivas impostos aos povos subalternizados durante todos esses anos, sendo também uma crítica direta à modernidade e ao capitalismo. O pensamento decolonial se coloca como uma alternativa para dar voz e visibilidade aos povos subalternizados e oprimidos que durante muito tempo foram silenciados. É considerado um projeto de libertação social, político, cultural e econômico que visa dar respeito e autonomia não só aos indivíduos, mas também aos grupos e movimentos sociais, como o feminismo, o movimento negro, o movimento ecológico, o movimento LGBTqia+, etc" Estudo do grupo composto por: Aníbal Quijano (2005), Catherine Walsh, Edgard Lander (2005), Enrique Dussel (2000), Nelson Maldonado-Torres (2017) e Walter Mignolo.

mente

Essa é uma das linguagens mais desafiadoras, onde a performance depende de uma conexão subjetiva entre público e artista, questionando e ressignificando certos conceitos cotidianos. Para este corpo, o desafio é sobretudo mental, como nos diz Marina:

> "Temos medo do sofrimento, temos medo da dor, temos medo da mortalidade. Então o que eu faço é encenar esses medos na frente de uma plateia. Eu uso a energia do público e, com ela, posso explorar os limites do meu corpo o máximo possível. E aí, eu me liberto desses medos." (ABRAMOVIC, 2009).

corpo

Na performance o corpo do artista não serve mais somente as necessidades ditas como "básicas ou cotidianas" do ser humano, na performance esse corpo passa a ser utilizado como instrumento para gerar novos sentidos, ao ponto de não ser mais apenas um humano presente – mas sim, um "bicho"[6] (assim como a obra da artista Lygia Clark, manipulável pelo público) disponível à vontade da audiência em questão.

público

A arte e a performance são binômios que vêm de um lugar onde a troca com o público é primordial para o desenvolvimento dessa potência mental, só sendo possível porque há essa relação de muitos sentimentos envolvidos no tempo presente.

---

[6] *Bichos* (1960), estruturas modulares compostas por placas de metais com dobradiças que possibilitam, através do manuseio, a mudança de forma da obra. Os Bichos atingem a busca pelo desejo por estruturas orgânicas e espaciais que não estão mais presas a nenhuma forma de superfície e que são construídas e reconstruídas a todo toque do público.

tempo

Esse tipo de arte não pode ser ensaiada, ela não tem passado, nem futuro. A performance se dá no tempo presente.

reperformance

Reperformance caracteriza-se pela reexecução de uma performance previamente realizada pelo mesmo artista ou por outro performer. Retomando a questão do tempo, do efêmero, vem a necessidade da memória da própria performance. pois seria como realizar exatamente algo subjetivo, com especifidades diferentes, mas vindo buscar uma nova performance que reflete e atualiza a obra de origem. A presença da artista de uma obra é então desmaterializada, ainda assim traz suas memórias, mantendo viva a efemeridade das sensações e vivências. Sobre a reperformance, Anke Bangma conclui:

> "A reperformance artística requer uma compulsão à repetição afirmativa sob o sinal da subjetivista em cena - em erupção há só a partir da estrutura do historicismo, onde o acontecimento que ele vai, de novo, onde a repetição de uma releitura de uma ação ativa é cuja incompatibilidade é aberta ao passado e por conseguinte, não só na afirmação, mas também a rejeição é experimentada novamente. Sem rejeitar a história repetiu, fragmento do reino da necessidade, mencionada apenas como um novo reino subjetivista de liberdade e negou a produção da diferença na repetição". (BANGMA, s/d, Livre Tradução)

Pensando no tempo presente, diante os nesse axioma que compõe a performance passei a me aprofundar em conhecer também outras artistas performes que me chamavam a atenção pela potência sensível em mostrar temáticas por vezes tão silenciadas na sociedade, artistas estas como: Berna Reale, Marina Abramović, Juliana Notari, Ana Mendieta, Márcia X, Eleonora Fabião, Priscila Rezende, Rubiane Maia, Grada Kilomba/ Lygia Clark, Valie Export, Estela Lapponi, Michelle Mattiuzi, Sophie Calle, Aline Luppi Grossi, Fernanda Magalhães, Agripina Manhatan, Mavi Veloso, Yoko Ono, Coco Fusco, Marcelle Louzada, Marta Minujín, Regina Galindo entre outras.

Sendo mulher, artista da performer pude com este contato com outras artistas ampliar também minhas experiências dentro da perfomance, na relação do tempo, da mente, do corpo, mas principalmente pensar sobre a minha relação com o público. Esta relação se iniciou no curso de Especialização em Ensino de Arte e posteriormente no mestrado durante a disciplina "Performance e Gênero". Ambas oportunidades preciosas que impulsionaram esta presente pesquisa.

artistas & caminhos na performance

Mulheres performers na América Latina

A partir deste ponto estarei apresentando artistas latino-americanas do campo da arte da performance, onde questões comuns se relacionam em seus trabalhos: gênero, política e subjetividade. O que unifica estas mulheres, ainda que os contextos culturais sejam diversos? Nos permitindo analisar a relação entre a produção da performance e o que estas artistas buscam é desconstruir diante um olhar naturalizado historicamente sobre os corpos das mulheres latino-americanas, suas atribuições sociais e sobretudo corpóreas (físicas, psicológicas e sexuais). Assim provocando rupturas nas formas pré-estabelecidas de marginalidade de países colonizados, que em suas raízes carregam: o silenciamento, a submissão, a ocultação, que perpassam a história social das mulheres, revelando através de seus próprios corpos narrativas reais, que desmistificam e desnaturalizam esse discurso hegemônico, ressaltando a busca pela liberdade e identidade.

O que essas artistas e tantas outras buscam é poder revelar diante nossos olhos suas potencialidades existentes diante os tensionamentos entre espaços de ação e de pertencimento no mundo.



Berna Reale (Pará, Brasil) é uma artista visual brasileira e perita criminal do Centro de Perícias Científicas do Estado do Pará. Por meio do uso de seu corpo em performances e instalações, propõe reflexão sobre o momento sociopolítico contemporâneo com especial ênfase na temática da violência.

Figura 5: Performance coletiva "Rosa Púrpura (2014) de Berna Reale.

Márcia X (Rio de Janeiro, Brasil) foi uma artista plástica brasileira que utilizava objetos eróticos, brinquedos infantis e objetos religiosos, suas performances, vídeos e instalações são marcadas pela relação sexo/infância, em que objetos pornográficos são transformados em brinquedos infantis e estes em objetos eróticos. Seus trabalhos abordam temas como sexualidade, erotismo, consumo, valores sociais e religiosos, discutindo não só questões estéticas mas também éticas e políticas.



Figura 6: Performance"pancake" (2o21) - Márcia X.



Natacha Voliakovsky (Buenos Aires, Argentina) é uma artista performática e ativista queer argentina radicada em Nova York que desenvolve parte de seu trabalho no campo da performance política bio-hardcore, com o uso de outras mídias como fotografia, vídeo e instalação . Ela trabalha expondo e transformando seu próprio corpo até o limite, com o objetivo de revelar, por meio de sua performance de alto impacto, como operam essas normas opressivas da cultura dominante.

Figura 7: Natacha Voliakovsky Performance "Live Streaming", 2020.

Vanja Poty (São Paulo, Brasil) é Doutora em Artes da Cena pela UNICAMP, docente do Curso de Teatro da UEA e morando atualmente no Amazonas, coordena o Núcleo de Práticas Meditativas no Treinamento do Artista - NUPRAMTA, com projeto contemplado pelo Prêmio Feliciano Lana Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa (SEC/AM). Atua como performer e investiga esta linguagem. Seus trabalhos trazem temáticas interligadas entre performance, intervenção urbana, modos de criação na pandemia e as opressões vividas pelas mulheres em relacionamentos abusivos.



Figura 8: Foto divulgação Coletivo NUPRAMTA, artista Vanja Poty. Fonte: https://nupramta.art/



Carmen Beuchat (Chile) é uma artista do grupo de dança experimental chamado Natural History of The American Dancer, que foi um dos pioneiros na dança improvisada As performances de Beuchat frequentemente incorporavam estruturas móveis, criando assim uma conexão entre os elementos visuais e a coreografia dos performers.

Figura 9 - Carmen Beuchat. Performance ¿QUÉ PUEDE UN CUERPO?. Fonte:

Tania Bruguera (Havana, Cuba) é uma artista e ativista que se concentra na arte de instalação e performance. Ela mora em Cambridge, onde trabalha como chefe de mídia e performance na Universidade de Harvard. O trabalho de Bruguera gira em torno de questões de poder e controle, e vários de seus trabalhos interrogam e reapresentam eventos da história cubana.[4][5] Como resultado de suas ações artísticas e ativismo, Bruguera foi presa e encarcerada várias vezes.



Figura 10 - A performance of Desierro (Displacement), Tania Bruguero



María Evelia Marmolejo (Cali, Colômbia) é uma artista performática feminista radical colombiana, conhecida por discutir temas polêmicos como opressão política, feminismo, meio ambiente e questões socioeconômicas em suas performances.

Figura 11 - Anónimo 1, Performance en la Plazoleta del Centro Administrativo Municipal, Cali-Colombia. Fotografías por Fabio Arango. 1981

Keyla Serruya (Amazonas, Brasil) Produtora, realizadora audiovisual e artista visual, pensa o cinema além da sala escura, propondo espaços como praças, terminais de ônibus e locais de grande circulação de pedestres para exibir seus trabalhos. A artista já participou de mostras e festivais de cinema nacionais e internacionais. Também é diretora de produção em séries, curtas, espetáculos, intervenções, festivais e mostras. Articula performances audiovisuais, entre elas Ancestralidade de Terra e Planta e Sem Nome/Sem (Cem) Mortos.



Figura 12: Performances audiovisuais "Ancestralidade de Terra e Planta" - Residência Obírin, na Bahia (Foto de João Machado/Amazônia Real)



Regina José Galindo (Guatemala) é uma artista que insere seu próprio corpo numa dimensão pública que pode ser identificada por qualquer pessoa que haja sido testemunha da violência e do sadismo de certos eventos políticos, assim como de desgraças pessoais.

Figura 13: Performance "Pedra" - 2013 (Guatemala). Fonte: PHOTO/FOTO: MARLÈNE RAMÌREZ-CANCIO

Eleonora Fabião (Rio de Janeiro, Brasil) é *Performer*, teórica da performance, professora da Escola de Comunicação UFRJ, realiza ações em ruas, exposições, falas e publica no Brasil e exterior. Eleonora trabalha com um procedimento composicional que chama de "programa performativo". Diz: "O programa é o enunciado da ação e o motor da experimentação. Experimentação sempre coletiva envolvendo matérias diversas – humanas e não humanas, visíveis e invisíveis, leves e pesadas, estético-políticas.

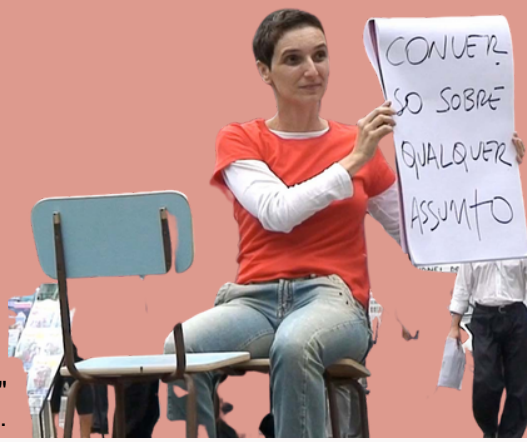


Figura 14: Performance "Converso sobre qualquer assunto" - 2008. Rio de Janeiro. Fonte: autora(or) desconhecida(o).



Juliana Notari (Pernambuco, Brasil) Artista e pesquisadora na área de artes é doutora e mestre em Artes Visuais pelo PPGARTES/UERJ, trabalha com as mais diversas linguagens (instalações, performances, vídeos, fotografias, desenhos e objetos) com abordagem multidisciplinar. Com ênfases e modos de operação diversos, traumas, desejos, fantasias e medos são recolocados em suas obras instaurando relações entre subjetividades que, por sua vez, configuram o eixo central da obra da artista.

Figura 15: Performance, 2002 – 2011. Cacos de vidro e luz (Symbebekos). Fonte: https://www.juliananotari.com

Rubiane Maia (Minas Gerais, Brasil) é artista visual e vive entre Folkestone, Reino Unido e Vitória, ES, Brasil. É formada em Artes Visuais e mestre em Psicologia Institucional pela Universidade Federal do Espírito Santo. Sua prática artística é um híbrido entre a performance, o vídeo, a instalação e a escrita. Ocasionalmente, flerta com o desenho, a pintura e a colagem. Em 2015 participou do workshop 'Cleaning the House' de Marina Abramovic e da exposição 'Terra Comunal – Marina Abramovic. Vem trabalhando em questionamentos sistêmicos influenciados por experiências de racismo e misoginia.



Figura 16: Arritmia, 2012 Rubiane Maia Performance. Fotografia: Chloe Gobira. Fonte: https://www.rubianemaia.com

Você já conhecia sobre a arte da performance?

Gostaria de imaginar realizar uma?

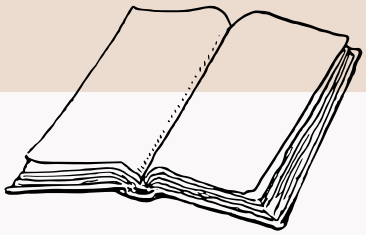
Performer:

Título da performance:

Temática:









CAPÍTULO 5

NA PRESENÇA DE MARINA ABRAMOVIĆ.

MARINA ABRAMOVIĆ

Marina nasceu em 30 de novembro de1946 na cidade de Belgrado, capital da Sérvia. Sua trajetória artística teve início na década de 1965, em que matriculou-se para estudar Pintura na Academia de Belas Artes de Belgrado, eventualmente para romper com a arte "passiva", segundo as suas palavras, iniciou na arte da performance como forma de arte visual em que fez do seu corpo um local de exploração artística e espiritual, definindo a arte da performance sendo um "diálogo de energia" essencial:

> "Performance é uma construção física e mental que o artista executa num determinado tempo e espaço, na frente de uma audiência. É um diálogo de energia, em que plateia e artista constroem juntos a obra". (ABRAMOVIC, 1996)

Hoje, somando mais de 50 anos dedicados a esta arte, explorando os limites do corpo físico e mental, resistindo inúmeras vezes à exaustão e à dor, sempre em busca de uma possível transformação emocional. Suas performances já incluíram fogo, objetos cortantes, armas de fogo e drogas controladas. A partir dos anos 2000, a artista tornou-se uma das maiores referências mundiais neste gênero. Para celebrar sua carreira, Marina repetiu uma performance antes realizada com Ulay (também performer e antigo companheiro de Marina, a qual viveram juntos por 12 anos e realizaram várias performances em parceria). "Nightsa crossing" foi uma série de 22 performances que ocorreram entre os anos de 1981 e 1987 em 19 locais em vários continentes. tratava-se de ambos os artistas permanecerem sentados olhando um para o outro tendo uma mesa separando-os. Sendo esta performance, dentre tantas que testaram os limites do corpo de Marina, durante a realização Ulay abandonou a performance após duas semanas e com quase 14 quilos perdidos. A ideia de trazer novamente esta performance, mostra uma Marina que convida o público para a busca novamente por este olhar

"A ARTISTA ESTÁ PRESENTE"



Figura 17: “The artist is present” – ABRAMOVIC, Marina - MoMA, 2010. Fonte: Marco Enani.

Era apenas uma chance para ela sentar-se em uma sala e ver o que aconteceria diante do público em sua performance. "A artista está presente" com a realização de documentário[7] de mesmo título, celebrando a retrospectiva da carreira de Marina Abramovic. Em "A artista está presente" Marina torna-se acessível diante do público. A performance consistia do público ser convidado, um a um a estarem sentados em uma cadeira e estabelecer uma conexão através do olhar, o único sentido que estaria a disposição do espectador. Todos foram instruídos que ao sentar-se não poderiam se mexer, falar, nem tocar na artista. A performance que foi realizada no Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA), teve duração no total de 736 horas, sendo 12 horas por dia, 6 vezes na semana (14 de março a 31 de maio de 2010). Sentada em silêncio, cada pessoa era convidada uma a uma a participar da experiência.

[7] Documentário Marina Abramović: The artist is present (Chermayeff & Dupre, 2012).

A ARTISTA ESTÁ PRESENTE

Figura 18: Durante três meses, mais de 1600 pessoas puderam participar dessa obra. The artist is present" – ABRAMOVIC, Marina - MoMA, 2010. Imagens: Marco Anelli.



> “Emoções são tudo. Hoje, muitas obras de arte são ilustrações de teorias. Você precisa conhecer muita teoria para entender o significado da obra. Mas às vezes a obra de arte não precisa de teoria porque ela te atinge emocionalmente. Talvez, depois você queira saber mais sobre ela, e você pode ler algumas coisas e ir atrás da teoria. Mas acho que esse trabalho [A artista está presente] tem muito a ver com emoções. Pessoas que não sabiam nada sobre performance, que foram ao museu em um passeio de fim de semana com seus filhos, todas tinham algo, havia um impacto emocional. Eu mesma não sei explicar essa energia, mas posso dizer que havia certas emoções em diferentes formas: o choro, o amor, estar presente, pensar em si próprios de uma maneira que nunca haviam pensado antes.” (ABRAMOVIC, 2010).

Com isto ficou explícita a relação do encontro, da potência do olhar, do silêncio, onde por vezes uma mesa ou um vão entre as cadeiras eram o único anteparo que dividia a artista do público. Na performance, nunca há um produto acabado - o que você vê está sempre mudando. A forma como Marina se apresenta também está sempre mudando, dependendo de quem a está observando. Sempre que a artista olha para a pessoa à sua frente, seus sentimentos de amor são automaticamente acionados e compartilhados. Por isso a relação desta obra para ser trabalhada em sala de aula, especificamente, pois trata-se de um espaço carismático, e isso é o que a performance produz, um espaço de acolhimento diante as nossas vulnerabilidades. A artista deseja ser amada, ser necessitada, de que precisa do público. É isso que significa “A artista está presente”. Esse foi o meu encantamento para realizar esta pesquisa tendo a artista como inspiração diante uma temática tão dolorosa: a violência contra as mulheres. Não há palavras utilizadas por Marina durante a performance “A artista está presente”. A partilha exige um certo silenciamento, e ao meu processo interno para elaboração desta pesquisa produziu em mim usar as palavras de forma econômica, mas assertiva e direta. Entendo que as relações do olhar também funcionam assim, em colocar pra fora algo que está no âmago, das coisas mais delicadas dentro de si não reveladas, difíceis de dizer a si mesmo ou contar a alguém. Escrevendo agora e posteriormente você lendo estas mesmas palavras, aqui diante de você, a qual compartilho todas estas minhas vivências sob a minha perspectiva diante o mundo, diante o quanto a presença se faz necessária e que o "produto" desta dissertação seja o afeto igualmente trocado. Onde não há pesquisa se não houver público. Não há arte sem a vida.

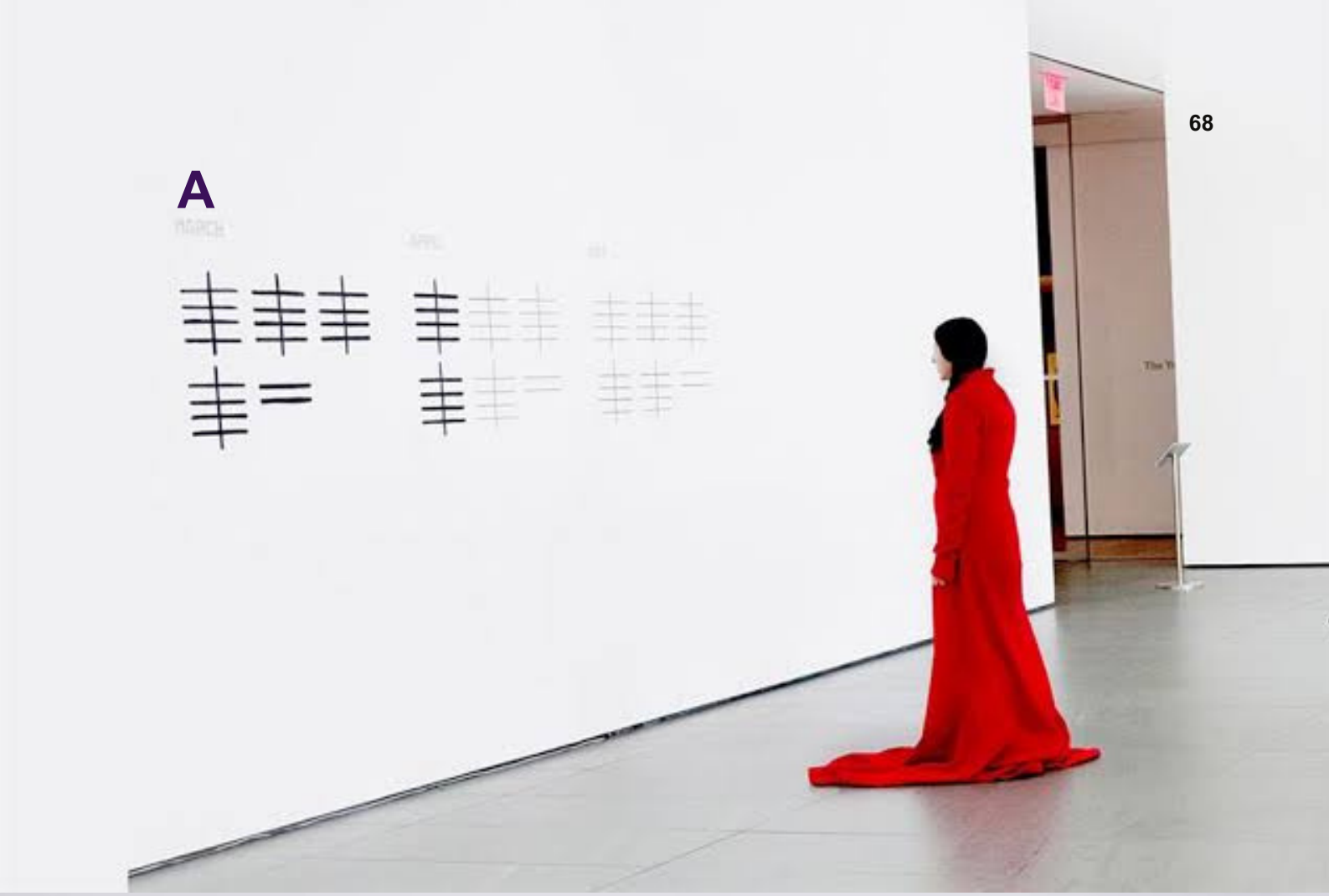




Figura 19 - A e B. Marina Abramovic registrava na parede ao término de cada dia realizado da performance "Artist is Present", dos 3 meses as quais a artista se disponibilizou para o público. Fonte e direitos autorais: 2010 © Marco Anelli.

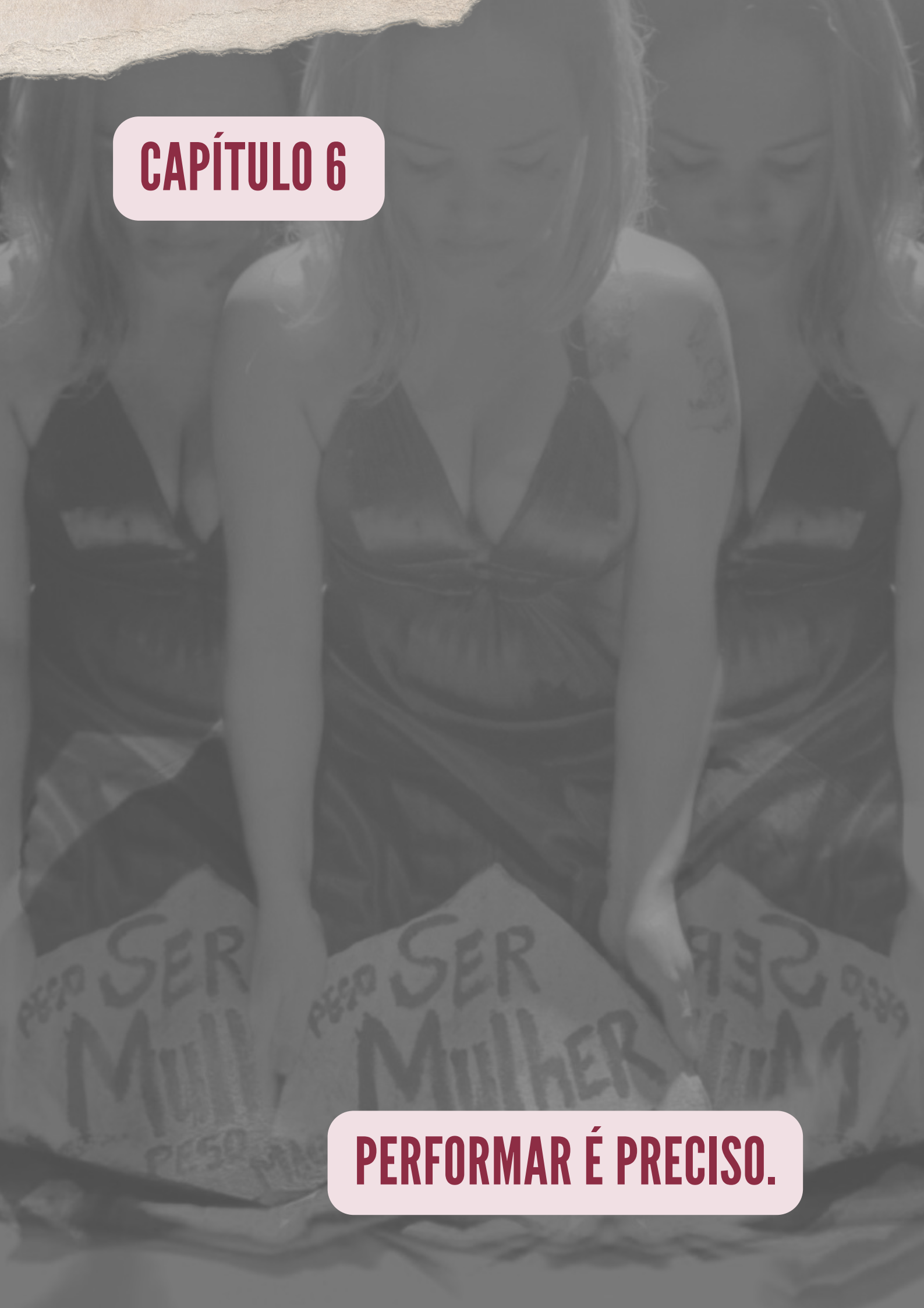
Sobre o pedido de Marina ao público, do "silencio", não trata-se aqui em não dar voz, ao manifestar oral, mas das infinitas conexões que vão além do corpo físico, diante nossos sentimentos mais íntimos e dolorosos. Parece contraditório ao longo desta pesquisa escolher uma obra em que a artista permanece em silêncio, em um primeiro momento, mas que pode facilmente simbolizar o quanto as vozes das mulheres são também silenciadas, emudecidas no sistema patriarcal que nos oprime. Simbolicamente esta obra também traz relações de apoio umas às outras o grito que ecoa quando nosso pensar e agir é colocado no mundo, utilizando nossas estratégias de empoderamento, de luta, de embate e do olhar sensível entre as mulheres.

O estudo da longa carreira de Marina mostra que a performance realizada por ela provoca, potencializa meios, construindo possibilidades de encontro, subvertendo aquilo que é dado como natural, correto, aceitável. Muito mais do que mero suporte para discursos pré-existentes, o desafio entre o contato de performer e público, convidando ambas as partes a se posicionarem como protagonistas sociais. Mais ainda, as artes performáticas, Louzada nos diz e escancara: “o corpo ao movimento pulsante da vida, rompendo as amarras da produção-consumo a favor da produtividade criativa” (LOUZADA, 2013, sem página).

Assim, sentar-se de frente a Marina Abramovic, é local a qual não estamos habituado a fazermos, pois temos como resultado uma transformação, pois usar o corpo dela no espaço com o público, pela mera duração, faz o tempo pesar, o peso está no ombro da artista e o público parece levar um pedaço da artista como valor. Diante desse contato o tempo não pode ser considerado só como efêmero, mas está de passagem no ir e vir das pessoas.

Estar de frente para você, querida leitora, assim como foi com minhas estudantes, é também compartilhar este peso diante às dores que carregamos, as quais umas com as outras poderemos tornar deste encontro um momento de transformação possível.

Agradeço pelas mãos dadas. Seguiremos para as próximas páginas, há uma artista em especial descobrindo suas potencialidades, mas esta você já conheceu no início desta pesquisa como professora, agora apresento também como artista performer: sou eu. Descobrindo em meu existir, que é preciso performar para viver e sobreviver neste mundo. Sigo feliz diante minhas escolhas com a performance, a qual me movem para além do tempo presente, me levam a cada fase vivida em minha vida, uma construção potente, real, de perpassar sentimentos que vão além do corpo, desejo que se fez semente em mim, e hoje quero lançá-la para florir outros corações e mentes.



CAPÍTULO 6

PERFORMAR É PRECISO.

A partir desta página seguem algumas das minhas experiências dentro da perfomance a qual realizei, de forma individual e coletiva, a qual agradeço imensamente a partilha e as trocas vividas.

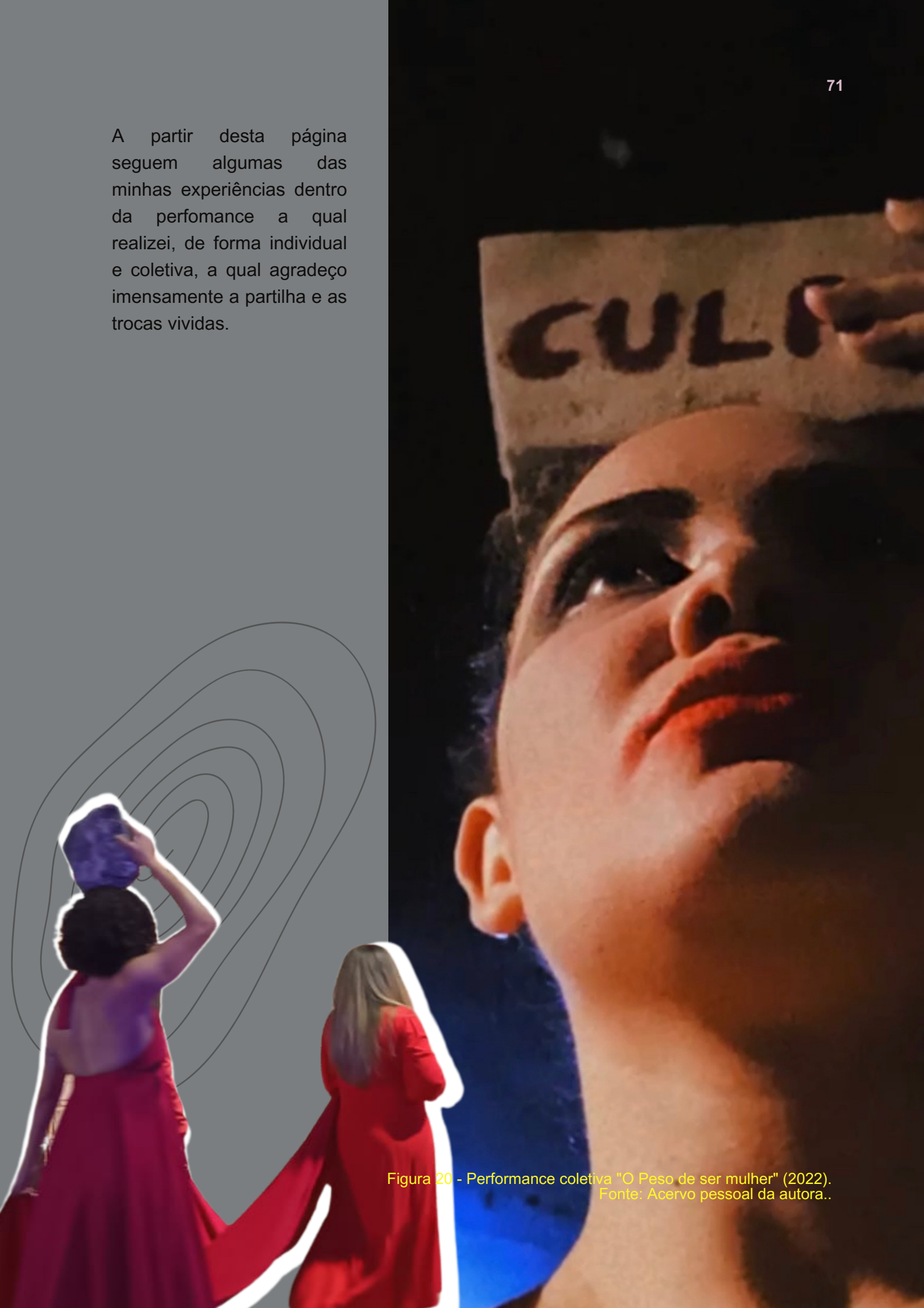


Figura 20 - Performance coletiva "O Peso de ser mulher" (2022).
Fonte: Acervo pessoal da autora..

MUSEU
da pessoa

Esta performance foi realizada com o objetivo de mostrarmos objetos que nos representassem, compondo assim o nosso próprio museu, um "museu da pessoa". Mostrarmos com movimentos corporais os sentimentos relacionados a estes objetos, das coisas que vivemos e sentimos através destes objetos.



Entre os cinco objetos escolhidos, a qual eram: uma fotografia de minhas filhas, uma roupa íntima, minha carteira de trabalho, um livro cujo título era "Vozes femininas" com frases de mulheres inspiradoras, um controle remoto de um aparelho projetor. Cada um representando simbolicamente um fato vivido diante uma conquista ou uma superação. Objetos que me fizeram relembrar momentos difíceis que vivi, seja na rotina exaustiva do trabalho, na sobrecarga e desigualdade nas relações entre os gêneros, nos relacionamentos abusivos passados e das inúmeras violências contra as mulheres ainda sentidas.

Gessiana Torres
Em si, 2022
Disciplina "Performance e Gênero"
(Profª Vanja Poty - UEA/UFAM - Prof-Artes).

Figura 21 - Performance "Em si"
Museu da Pessoa (2022).
Fonte: Acervo pessoal da autora..

QUAIS OBJETOS TE REPRESENTAM NO SEU "MUSEU DA PESSOA"?

MUSEU *da pessoa* _____

OBJETO 1:

OBJETO 2:

OBJETO 3:

OBJETO 4:



Peso nos ombros

Performance realizada na escola
Colégio Brasileiro Pedro Silvestre
novembro de 2022.

PROGRAMA PERFORMATIVO

Peso nos ombros

A proposta performática dentro da escola deu-se a partir da ideia dos "pesos" que nós mulheres carregamos ao longo de nossas vidas. Os sentimentos ruins a qual são impostos, impregnados e "aceitos" é o que cada uma carrega dentro de si. Diante a tanta sobrecarga física e mental, é compreensível que muitas de nós criamos sentimentos que não são nossos, que não nos pertence, a qual nos adoece, nos mata. Externar sobre este "peso" é com certeza o primeiro passo para nos livrarmos do que nos incomoda. Cada mulher carrega sua(s) pedra(s) de alguma forma, na cabeça, no coração, nos ombros...



A realização da performance tinha que ser na hora do intervalo na Escola Colégio brasileiro Pedro Silvestre, onde há grande circulação de pessoas. A qual as estudantes e os estudantes e toda a comunidade escolar sentiram-se surpresos com minha presença, mas principalmente ao verem com aquelas pedras pesadas, segundo relatos depois. Muitos foram os pedidos para me ajudarem a carregar. O que me deixou feliz pela empatia que sentiram. Mas será que todas as mulheres seriam ajudadas a carregarem ou eliminarem as "pedras" que carregam? Ou mais pedras seriam colocadas sob os ombros delas?

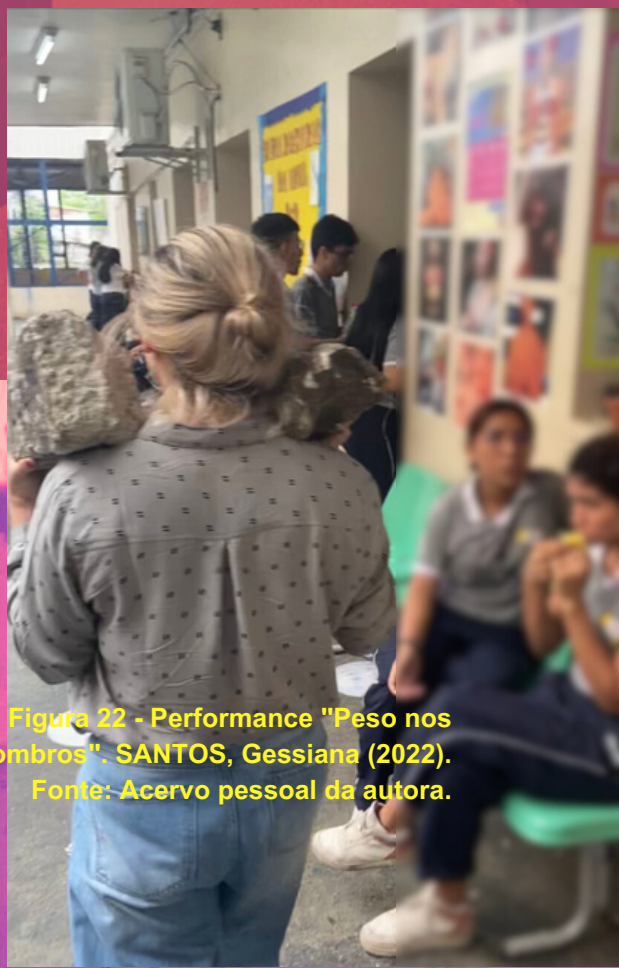


Figura 22 - Performance "Peso nos ombros". SANTOS, Gessiana (2022). Fonte: Acervo pessoal da autora.



Peso nos ombros

O registro desta performance está em vídeo, e se você quiser acompanhar e conhecer como foi a realização dela na escola, basta você apontar a câmera do seu celular para o QR Code ao lado.



Leitora, diante a sua vida atual, você sente carregar algum peso em seus ombros?

Caso sim,
escreva nesta pedra,
qual peso seria?



Assim quem sabe juntas poderemos nos ajudar para retirar estes pesos de nossos ombros.



Figura 23 - Performance coletiva "O Peso de ser mulher". (2022).
Fonte: Acervo pessoal da autora.

performance O PESO DE SER MULHER

Esta performance coletiva foi realizada por nós, estudantes do mestrado do Prof-Artes: Gessiana Torres, Cherre Andrade, Heide Aragão e Rosiane Santos. Seguem alguns registros da preparação e realização da performance.









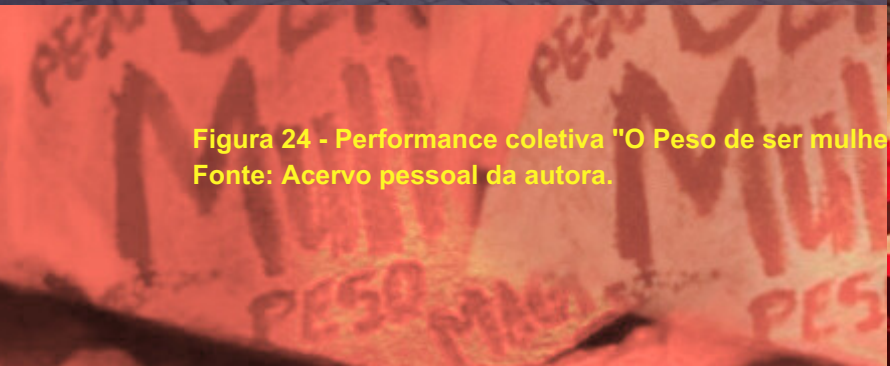


Figura 24 - Performance coletiva "O Peso de ser mulher". (2022).
Fonte: Acervo pessoal da autora.

performance O PESO DE SER MULHER

A proposta performática coletiva realizada dentro da disciplina Performance e Gênero foi em realizarmos um circuito a pé, saindo do Ateliê 23, ponto de partida, indo em direção ao largo São Sebastião e escolhermos um local apropriado e performar sobre “O peso de ser mulher”. Onde cada uma das quatro mulheres carregaria uma pedra com a palavra que representasse de forma escrita o peso ou dificuldade que cada uma enfrenta em sua própria vida. Escolhemos como figurino, um vestido vermelho, e fizemos uma maquiagem borrada para compor o visual performático.

A primeira apresentação aconteceu no dia 24/11/2022, a qual saímos do Ateliê 23, no Centro de Manaus, por volta das 20:30hs, e descalças percorremos o trajeto pela Rua Tapajós até o largo São Sebastião, com nossos vestidos vermelhos e pedras, além de um cobertor vermelho, que posicionamos estrategicamente ao lado direito da rua ao lado do Teatro Amazonas. Ali fizemos vários gestos performáticos usando nossas pedras como ferramentas para chamarmos a atenção das pessoas que passeavam pelo Largo. Tentamos em alguns momentos uma maior interatividade com o público, porém não obtivemos muito sucesso, duas pessoas somente interagiram. Combinamos de escolhermos um local, para a próxima apresentação, onde possamos ter uma maior interatividade com o público.

A segunda apresentação aconteceu no dia 01/12/2022, a qual diferente da primeira apresentação divulgamos e fizemos o convite a amigos e público em geral para prestigiarem. Houve a presença de estudantes de graduação do curso de Artes Cênicas da UFAM, à convite da professora da disciplina. Novamente a saída e início da performance foi no Ateliê 23, por volta das 20:00hs, descalças percorremos o trajeto até a praça do Congresso (próximo da escola IEA), com nossos vestidos vermelhos e pedras, além de um cobertor vermelho. O público interagiu bastantee e esta experiência nos fez refletir sobre a criação fixa de um coletivo de performance composto por nós mais futuramente.





CAPÍTULO 7

A PERFORMER QUE HÁ EM TODAS NÓS

Este capítulo traz como referencia todas as experimentações das estudantes-artistas com a arte da performance. Destacando-se que foi levada para discussão em sala de aula a obra "A Artista está presente" da artista performer Marina Abramovic. A performance portanto é aqui utilizada como uma ferramenta de uma professora de Arte na mediação para a desconstrução da violência contra a mulher. As performances são o produto artístico desta pesquisa, a qual foram realizadas nos locais: salas de aulas, áreas de convivência e de lazer da escola e externamente, esta última de forma individual pelas estudantes nos locais de suas respectivas residências ou adjacentes (pois no período do meu afastamento por conta do decreto às trabalhadoras gestante, em respeito às medidas de prevenção a COVID-19 durante o decorrer desta pesquisa foram necessárias adaptações da forma como obter e ter acesso ao conteúdo das performances desenvolvidas, ainda que de forma remota).

As participantes desta pesquisa tinham idade entre 14 a 17 anos, estudando na escola no turno vespertino, sendo elas das turmas dos 1º Anos do Ensino Médio da Escola Colégio Brasileiro Pedro Silvestre. O colégio é de ensino regular de Ensino Fundamental e Médio, com prédio localizado no centro da cidade de Manaus na rua 10 de julho e tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN).

eles:



Um primeiro contato com a performance.

Apresenta-se nesta pesquisa qualitativa registros do processo criativo realizados na escola, tendo como coleta de dados as experimentações das estudantes participantes com a temática abordada e a criação de performance individuais e coletivas, as quais se obteve: imagens dos exercícios corporais realizados em sala de aula, registro em vídeo da performance "Por um fio" (esta com acesso através do QR Code na página **?**), imagem de outras performances realizadas, relatos diversos e experimentações com a obra "A Artista está Presente".

Sobre a participação as estudantes foram esclarecidas sobre o objetivo da pesquisa, do anonimato da sua pessoa, bem como sobre a manutenção do sigilo e do seu direito de participar ou não da mesma. Após os esclarecimentos as estudantes foram orientadas a enviarem aos responsáveis legais o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participar desta pesquisa científica.

Com o intuito de preservar o anonimato das estudantes-artistas, foi dado nomes fictícios e seus rostos foram desfocados das imagens registradas para não identificação.

Quanto aos relatos apresentados pelas estudantes diante a temática da desconstrução da violência contra a mulher, observou-se que embora cada estudante apresentasse suas individualidades, a experiência com a violência foi apontada como vivências comuns, quer dentro de casa, com mulheres próximas da família, vizinhas e diante os relatos observados por elas nos noticiários na mídia. A qual tal experiência com as obras de Marina Abramovic e de outras artistas performers possibilitaram a abertura para diálogos necessários e a construção de experiências pessoais e coletivas com a performance, com significados e sentimentos empáticos diante as violências e opressões vividas pelas mulheres.

Diante tantos desdobramentos que a temática da desconstrução da violência requer, com certeza apresentar e discutir conceitos prévios tanto do que é performance artística, mas também apresentar os conceitos da teoria feminista foram necessários para desenvolver nas estudantes a compreensão de sua história e de como o patriarcado desde sua origem age para subjugar as mulheres. Entender sobre este funcionamento nos dá instrumentos para que possamos reagir à este sistema opressor que busca com isto nos silenciar, desnortear e fragilizar. Entender tais conceitos: o que é feminismo, misoginia, patriarcado, gênero, misoginia, padrões de beleza, cultura de estupro, pressão psicológica, etc, Se discorreu a discussão com cada umas das estudantes e dos estudantes, a qual através de atividades propostas iam assimilando tais conceitos, conceitos importantes que a discussão sobre o feminismo propõe.

Veja a seguir alguns dos registros das atividades realizadas em sala de aula.

Figura 25 - Registro das aulas da disciplina de Arte. (2021).
Fonte: Acervo pessoal da autora.





Figura 26- Registros das aulas da disciplina de Arte. (2021).
Fonte: Acervo pessoal da autora.

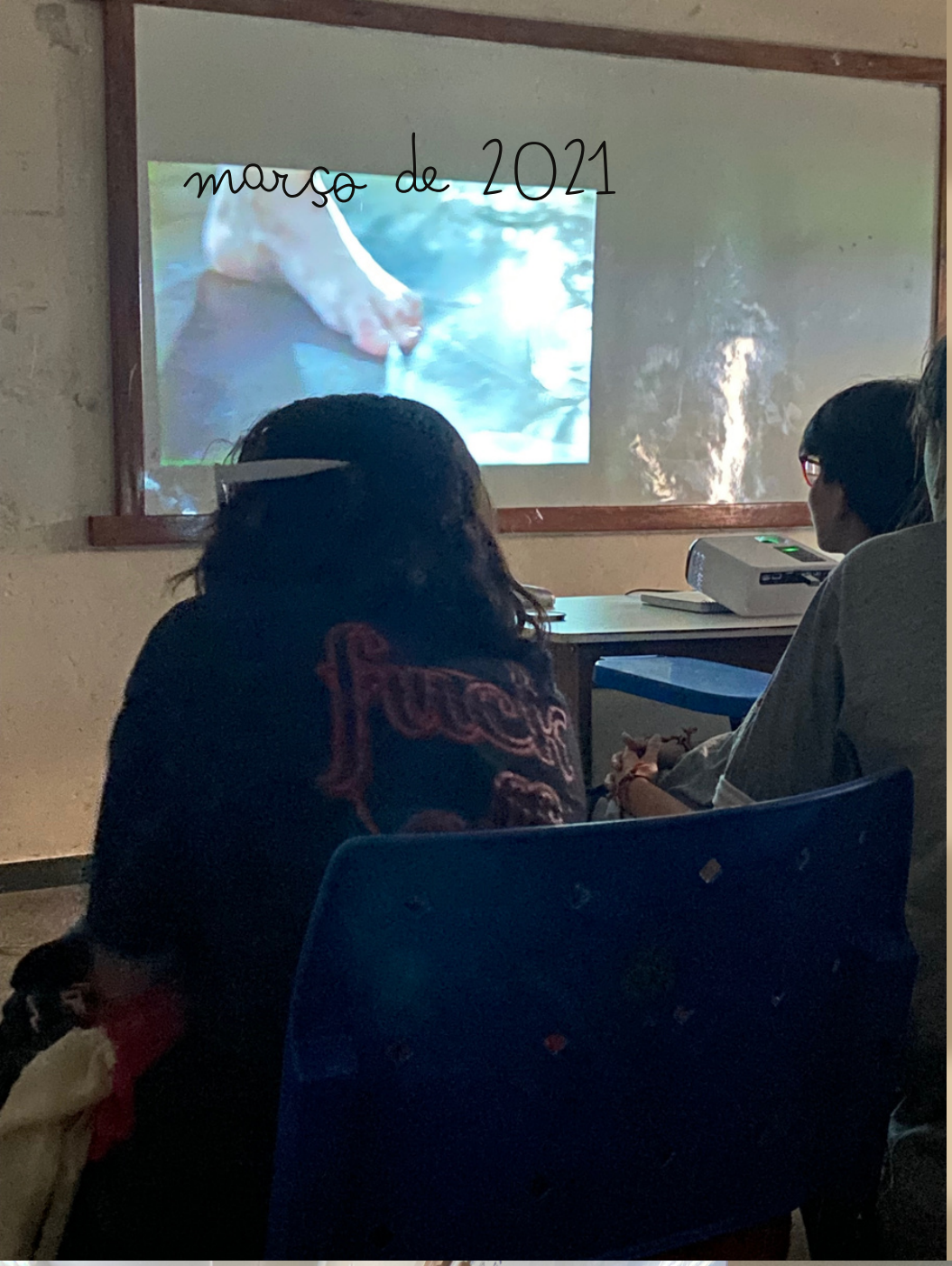
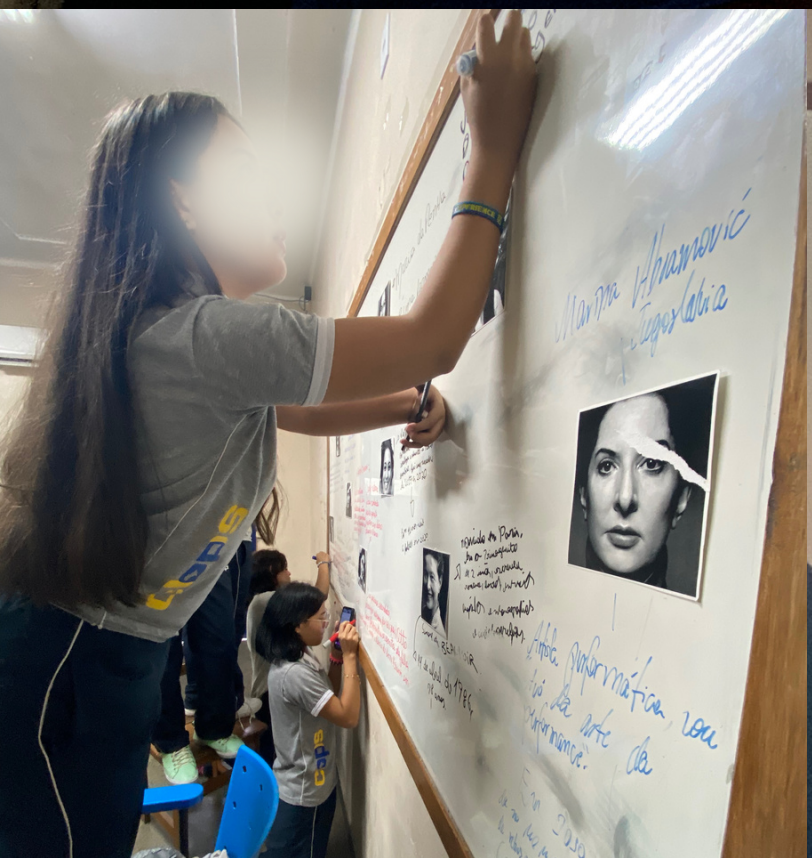


Figura 27 - Registro das aulas da disciplina de Arte. (2021). Fonte: Acervo pessoal da autora.



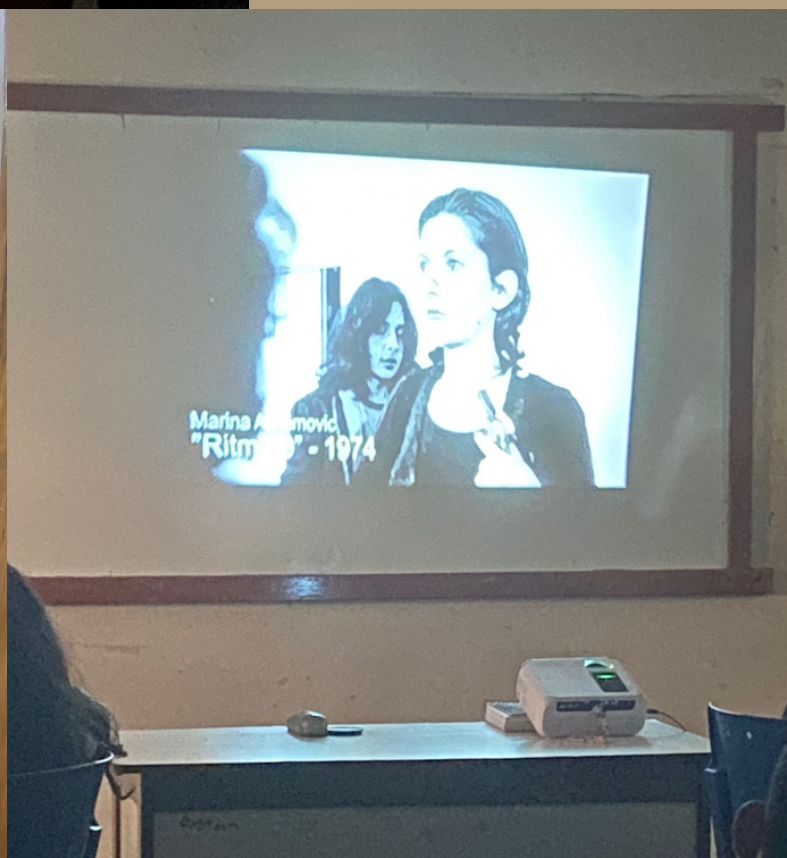




Figura 28 - Registro das aulas da disciplina de Arte. (2021).
Fonte: Acervo pessoal da autora.



Figura 29 - Registro das aulas da disciplina de Arte. (2021).
Fonte: Acervo pessoal da autora.

adaptações urgentes

A partir deste ponto preciso esclarecer que após os conceitos abordados e assimilados, o início do processo de criação das primeiras performances realizadas pelas estudantes foram fora do ambiente escolar, pois devido o início da minha gestação, a qual me afastou temporariamente do trabalho presencial durante 9 meses (Lei 14.151/21 - que garante o afastamento da gestante do trabalho presencial durante a emergência de saúde pública do novo coronavírus). A rede social WhatsApp passou a ser o único meio de contato com as turmas a qual pude dar continuidade às minhas aulas .



estudantes-performers

Decidi propor algumas ações performativas de forma remota, primeiramente nos adaptando à nova realidade e assim solicitando que as estudantes descrevessem suas expectativas e formas de como desenvolver suas performances.

As primeiras experiências desenvolvidas pelas estudantes com a performance foi através de registros de vídeos e fotos das quais elas deveriam filmar e me enviar, de como elas se sentiam em relação à si diante o mundo e as mulheres à sua volta.

"Minha ação quer mostrar o quanto as mulheres são censuradas no vestir, ser e agir no mundo."
(Andréia - estudante 1º Ano - Ens. Médio)

Figura 30 - Registro das foto-performances (2021).
Fonte: Acervo pessoal da estudante..

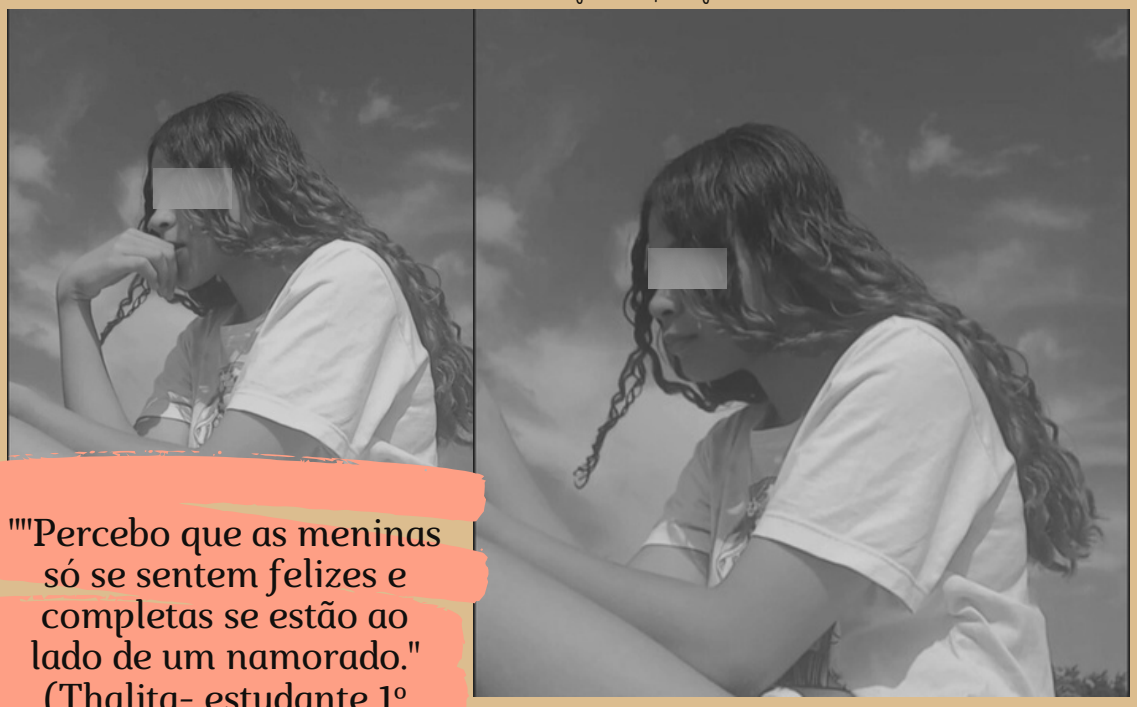
foto-performance "menina censurada', 2021



Em sua totalidade os relatos das estudantes e suas ações eram sempre demonstrando o quanto de opressão elas percebiam no mundo à sua volta. os vídeos e registros traziam uma carga pesada em suas falas, de uma realidade que parecia estar presente desde que elas nasceram. O machismo era a fala recorrente como causa principal de suas dores.

Figura 31 - Registro da foto-performance (2021).
Fonte: Acervo pessoal da estudante..

foto-performance "sozinha', 2021.



""Percebo que as meninas só se sentem felizes e completas se estão ao lado de um namorado." (Thalita- estudante 1º Ano - Ens. Médio)

As estudantes relataram sentir as infinitas possibilidades que o corpo humano (especificamente da mulher) é capaz de sentir, mover e mostrar através dele atitudes de força e instrumento para novas posturas diante uma realidade ainda tão presente de violência e julgamento sobre o corpo feminino.

foto-performance "meu corpo é meu", 2021

Figura 32 - Registro da foto-performance (2021).
Fonte: Acervo pessoal da estudante..



"As mulheres podem sim fazer com o seu corpo tudo o que sentem vontade."
(Amanda- estudante 1º Ano - Ens. Médio)

Abaixo, alguns registros das performances coletivas realizadas pelas alunas e alunos do 1º Ano do Ensino Médio, a qual culminou diante o meu retorno presencial à sala de aula. A proposta pensada pelas estudantes era reunir todas as pessoas presentes no espaço da escola através de um fio na cor lilás, a qual tinha por intenção trazer a reflexão na luta das mulheres pelos direitos iguais, a qual todos da sociedade devem estar conectados e abertos ao diálogo na luta contra a violência às mulheres. As/os estudantes percorreram corredores e salas de aula emaranhando os fios em volta das pessoas da comunidade escolar. O público da performance reagiu com surpresa, imas nteragindo bem e questionando o porquê do fio. Tocando no fio, perguntaram porquê o fio era na cor roxa e qual o porquê as alunas estavam fazendo aquilo naquele momento.

Leitora, a fita que foi usada durante a realização da performance pelas estudantes foi escolhida na cor lilás porque é uma referência ao Agosto Lilás, mês em que foi sancionada a Lei Maria da Penha (Lei 11.340, de 2006) pelas estudantes por ser uma referência ao Agosto Lilás, mês em que foi sancionada a Lei Maria da Penha (Lei 11.340, de 2006), informação esta abordada previamente durante as aulas de Arte.

performance: "por um fio", 2022
assista os registros desta performance apontando a câmera de um celular para o qr code ao lado.



Figura 33 - Registro da performance coletiva "Por um fio" (2022).
Fonte: Acervo pessoal da autora da pesquisa.





A

Figura 34 (A e B) -Registro das aulas da disciplina de Arte. (2021).
Fonte: Acervo pessoal da autora.



B

Performance:

"mulher, você é incrível!"

Performance a qual as estudantes escreveram na entrada da escola, na data do dia 08 de março - Dia Internacional da Mulher, frases de motivação e das conquistas das mulheres ao longo da história. Foi ao todo 1 hora de duração desta performance. A qual os transeuntes ao passar pelas palavras riscadas ao chão as estudantes-artistas imediatamente liam as frases em voz alta.

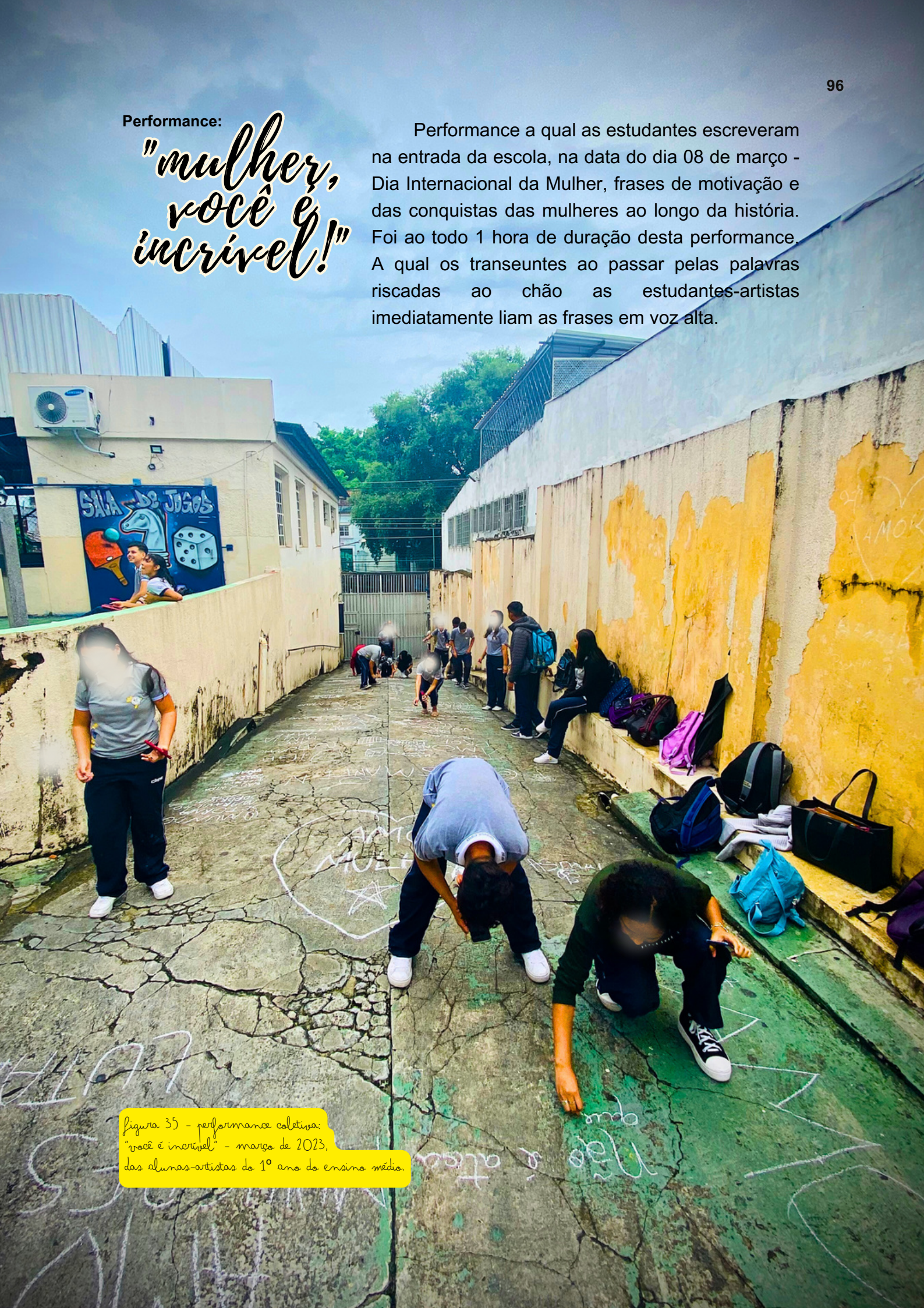


figura 35 - performance coletiva: "você é incrível" - março de 2023, das alunas-artistas do 1º ano do ensino médio.





Figura 36 - performance coletiva: "você é incrível" - março de 2023, das alunas-artistas do 1º ano do ensino médio. Fonte: acervo pessoal da autora da pesquisa.



CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM INÍCIO PARA PENSARMOS JUNTAS O FIM DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

Foi buscando outras perspectivas de uma obra de arte que pude pensar em como a performance seria a mediação para meu objeto de estudo ao submeter um pré-projeto contendo a performance "A artista está presente" de Marina Abramović a um programa de pós-graduação. A forma como a artista passou a conduzir suas performances comparadas as das décadas de setenta para a atualidade, me fizeram refletir sobre o novo posicionamento da artista diante a retrospectiva de sua trajetória. Sobre estes novos posicionamentos:

> "Nenhum lar fixo. Movimento permanente. Contato direto. Relação local. Autosseleção. Ultrapassar as limitações. Assumir riscos. Energia Móvel. Sem ensaios. Sem fim previsível. Sem repetição. Vulnerabilidade ampliada. Exposição ao acaso. Reações primárias". (ABRAMOVIC, apud Wescott, grifo nosso, 2015, p. 116).

Entendendo que o discurso a qual Marina Abramovic sempre defendeu foi pela posição política, ao utilizar diferentes estratégias de resistências em uma época a qual sua trajetória artística iniciou, cujo cenário se sustentava e ainda perdura, tendo como base: homens, cisgêneros, brancos sendo idealizados como figuras modelo e envoltos de religiosidade e “valores” familiares. Os "corpos diferentes": mulheres, LGBTQI+, negras, entre outras minorias, sofrem ainda a violência extrema. É a partir dessa contextualização que, os corpos das artistas da performance se situam como corpos à margem em luta contra as opressões às liberdades individuais e coletivas.

Esta pesquisa estabeleceu portanto uma estratégia a ser utilizada em sala de aula sobre como a obra de Marina, entre outras artistas mulheres neste contexto, ultrapassaram as barreiras do tempo, de seus próprios limites, com uma temática ainda tão escancarada na sociedade, que é a violência contras as mulheres.

Com múltiplas discussões acerca principalmente de gênero com a intenção de transformações das realidades presentes, as obras apresentadas e provocadas levadas para o ambiente da escola, abriram diferentes caminhos interpretativos, permitindo com que cada estudante trouxesse para si as relações e diferentes ressignificações dos símbolos contidos, assim como trouxeram, segundo relatos das mesmas: sentimentos compartilhados, indagações, inquietações, reflexão, tendo como suporte o próprio corpo. Sendo possível portanto perceber a multiplicidade de corporeidades presentes dentro desses estudos. Ocorre no entanto ainda a necessidade de mais uma amplificação teórica para abranger ainda mais espaços, seja das consciências corporais e dos sentidos. Considero que em pesquisas artísticas o processo de busca é mais importante do que o produto final, em que o próprio processo nos aponta caminhos, em outras, ganham novas direções, como por exemplo a necessidade de se levar à sala de

aula obras que inicialmente não estavam na pesquisa e passaram a ser investigadas.

O mestrado veio em um momento em que precisei refletir diante às minhas fragilidades enquanto mãe, professora e artista, resgatando a *performer* que se encontrava em uma longa pausa por conta da gestação de risco, mas com ânsia de sentir o corpo poder desenvolver práticas autorais. Foi com experiências e trocas com artistas e professoras, que me inspiraram no impulso necessário para este retorno, a qual destaco e tenho a mais profunda gratidão às professoras Dra. Daniely Peinado (esta externa ao curso de mestrado, mas profundamente presente nesta construção) e a professora Dra. Vanja Poty, pelo acolhimento e preocupação com o meu maternar, dos exercícios de aquecimento, experimentações, críticas construtivas, apontamentos diante as performances realizadas na disciplina, vivências, conversas e descobertas na produção de performances.

Considero que um dos resultados desta pesquisa geraram a reflexão necessária enquanto artista e pesquisadora, propositando em buscas com mais afinco a partir do tema que sempre me interessou, sobre o que hoje considero um binômio a qual quero sempre conjugar: o feminino e a performance

Como produtos artístico portanto, ressalto as performances desenvolvidas nesta pesquisa, seja autorais, coletivas e das estudantes/artistas da escola, que tiveram grande caráter de transformação, pois foi na busca por uma metodologia em performance, onde cada processo foi único mas que trouxeram resultados plurais. As práticas artísticas com as estudantes foram “finalizadas” em maio de 2023, mas carregam inúmeros afetos e aprendizados que mesmo ao término desta dissertação, que não ter por finalidade delimitar a melhor forma de se trabalhar com a performance, mas sim, apontar um possível caminho para que a performance adentre todos os lugares possíveis, em especial o da escola, sendo mais uma das inúmeras ferramentas metodológicas que podem ser adotadas em um processo de criação artística no ambiente escolar.

Nesta caminhada, que chega ao fim, querida leitora, sigo orgulhosa e com lágrimas nos olhos, por termos todas chegado até aqui, pois tais caminhos construídos só foram possíveis por que mulheres deram as mãos, ousaram questionar e assumir, na vida e na arte, papéis antes vistos como exclusivamente masculinos.

Utilizar a performance portanto para este fim, evidencia a subversão em todas as estruturas de poder, fomentando o debate de gênero e como a arte é um fazer político com toda a sua potência crítica e criativa, sendo uma construção contínua e coletiva de cada subjetividade que se encontra, seja na obra de Marina Abramovic, ou de tantas outras mulheres artistas passadas e das que ainda surgirão no cenário da arte contemporânea. Sou grata por todas que construíram suas narrativas a partir de seus contextos e lugares de fala, lutando antes de mim e me possibilitando escrever esta pesquisa sobre elas e também do que faz o meu existir e resistir.



gratidão pelo
caminhar juntas.



um início,

um meio,

para darmos um fim à violência

contra as mulheres.

quais foram as suas impressões no decorrer de nossa caminhada juntas? como você se sentiu?






cultive
com amor
seu jardim
interior

"Todas, todos e todes as/os grandes artistas bebem da mesma fonte: o coração humano".

(AUTORA/OR DESCONHECIDA/O)

referências bibliográficas

ABRAMOVIC, Marina. Marina Abramovic Institute. S/d. Disponível em: https://mai.art/projects. Acesso em: 22/01/2023.

BANGMA, Anke. “Experience, memory, reenactment”. Phase 2. S/d. Disponível em: . Acesso em: 12/02/2023.

BARBOSA, A. M. e COUTINHO, R. G. In: AZEVEDO. Arte/educação como mediação cultural e social. São Paulo. Ed. UNESP, 2009.

BARROCO, S. M. S.; SUPERTI, T. Vigotski e o estudo da psicologia da arte, contribuições para o desenvolvimento humano. Psicologia e Sociedade. Paraná, 2014.

BEAUVOIR, S. O segundo sexo. Tradução de Sérgio Milliet. 4.ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BITTAR, Marisa. História da Educação: Da antiguidade à época Contemporânea. São Carlos: Ed. Edufscar. 2009.

BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMURÇA, SILVA. Desafios do feminismo. [Entrevista concedida a] Clam – Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos. Mulheres Socialistas. São Paulo, Disponível em: https://mulheressocialistas.org.br/desafios-do-feminismo. Acesso em: 15/02/2021.

Conselho Nacional de Justiça. Lei Maria da Penha. Disponível em: Lei Maria da Penha - Portal CNJ. Brasília, DF: Acesso em: 21/09/2022.

CUNHA, S. R. V. da. As artes no universo infantil. Porto Alegre: Mediação, 2012.

FORTIN, Sylvie. GOSSELIN, Pierre. Considerações metodológicas para a pesquisa em arte no meio acadêmico. ARJ | Brasil | Vol. 1/1 | p. 1. 2014.

referências bibliográficas

FABIÃO, Eleonora. Programa performativo: o corpo-em-experiência. In: ILINX Revista do LUME (Núcleo interdisciplinar de pesquisas teatrais da Unicamp), n. 4, 2013.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Segurança em Números. Disponível em: infografico-2020-final-100221.pdf (forumseguranca.org.br). Acesso em: 21/09/2022.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Segurança em Números. VISÍVEL E INVISÍVEL a Vitimização de Mulheres no Brasil. 4ª edição. Disponível em: https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/03/visiveleinvisivel-2023-infografico.pdf. Acesso em: 25/05/2023.

FUSARI, Maria Felisminda de Resende; FERRAZ Heloísa Corrêa de Toledo. Metodologia do ensino da arte: fundamentos e proposições– 2. ed. rev. e amp. – São Paulo: Cortez, 2009.

HATTY, Suzanne, Masculinities, Violence and Culture. Sage Series on Violence against Women. Londres: 2000.

HOOKS, B. Ain't I a Woman?: Black women and feminism. United States, South end Press, 1981.

PEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Relatório econômico. Brasília: Ipea; IBGE, 2014.

MACEDO, Silvana Barbosa. A expressão do poder materno na arte contemporânea. Seminário Inter- nacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017.

Ministérsio da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais:Arte. Brasília, DF: MEC, SEF, 1997.

referências bibliográficas

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: E.P.U., 1992.

NOSSA CAUSA. Conquistas do feminismo no Brasil: uma linha do tempo. Disponível em: https://nossacausa.com/conquistas-do-feminismo-no-brasil/ Acesso em: 11 de janeiro de 2023.

PASSOS, MATHEUS. Arte para combater violências contra mulheres. São Paulo: Ed. ESHOJE. Disponível em: https://eshoje.com.br/arte-para-combater-violencias-contra-mulheres. Acesso em: 15 de fevereiro de 2021.
PATEMAN, C. Críticas Feministas à Dicotomia Público/Privado. In. BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luís Felipe (Org.). Teoria política feminista – textos centrais. Vinhedo: Horizonte, p. 55 – 80, 2013.

PIPA, A janela para a arte contemporânea brasileira". Disponível em: https://www.premiopipa.com/pag/artistas/rubiane-maia-2/ Acesso em: 12/05/2023.

PIPA, A janela para a arte contemporânea brasileira". Disponível em: https://nupramta.art/blog/author/vanja/ Acesso em: 12 de maio de 2023.

Presidência da República. Secretaria - Geral - Subchefia para Assuntos Jurídicos L13104 (planalto.gov.br) Acesso em 22 de março de 2021.

RENATO Cohen. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa256193/renato-cohen. Acesso em: 19 de maio de 2023.

SABER DE MELLO, I.; AGUIAR, F. M. de; BELCHIOR SANTOS, J.; PEDROSO DE OLIVEIRA, L.; BITENCOURT, M. A. L. de; FRANZONI, T. O que é escrita performativa? Pesquisa, Florianópolis, v. 15, n. esp., p. 01-24, 2020. DOI: 10.5965/1808312915252020e0015. Disponível em: https://periodicos.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/17922. Acesso em: 22 de junho de 2021.

referências bibliográficas

SENNA, Nádia da Cruz. A imagem da mãe pelas artistas plásticas do século XX. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. 23 a 26 ago. 2010.

SANTOS, Gessiana Torres dos. O/A Professor/a do componente de arte e sua relevância como mediador/a para a desconstrução da violência contra a mulher. Monografia, (Especialização) - Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Manaus. 2021.

TELES, Meearia Amélia Almeida. MELO, Mônica. O que é violência contra a mulher. São Paulo. ed. Brasiliense. 2002.

TIBURI, Marcia. Prefácio. IN: Vamos juntas? – O guia da sororidade para todas. Rio de Janeiro: Galeria Record, 2016.

Veiga, Lucas Motta. O analista está presente: a arte da performance de Marina Abramovic e a clínica / Lucas Motta Veiga. – 2015

WOGRAINE, Evelyn Faria Dias. Performances de gênero e Teatro do Oprimido: desconstruindo velhas narrativas e propondo novas. Revista Estrita, Rio de Janeiro, n. 22, 2017. Disponível em https://doi.org/10.17771/PUCRio.escrita.28872. Acesso em 22 de junho de 2021.

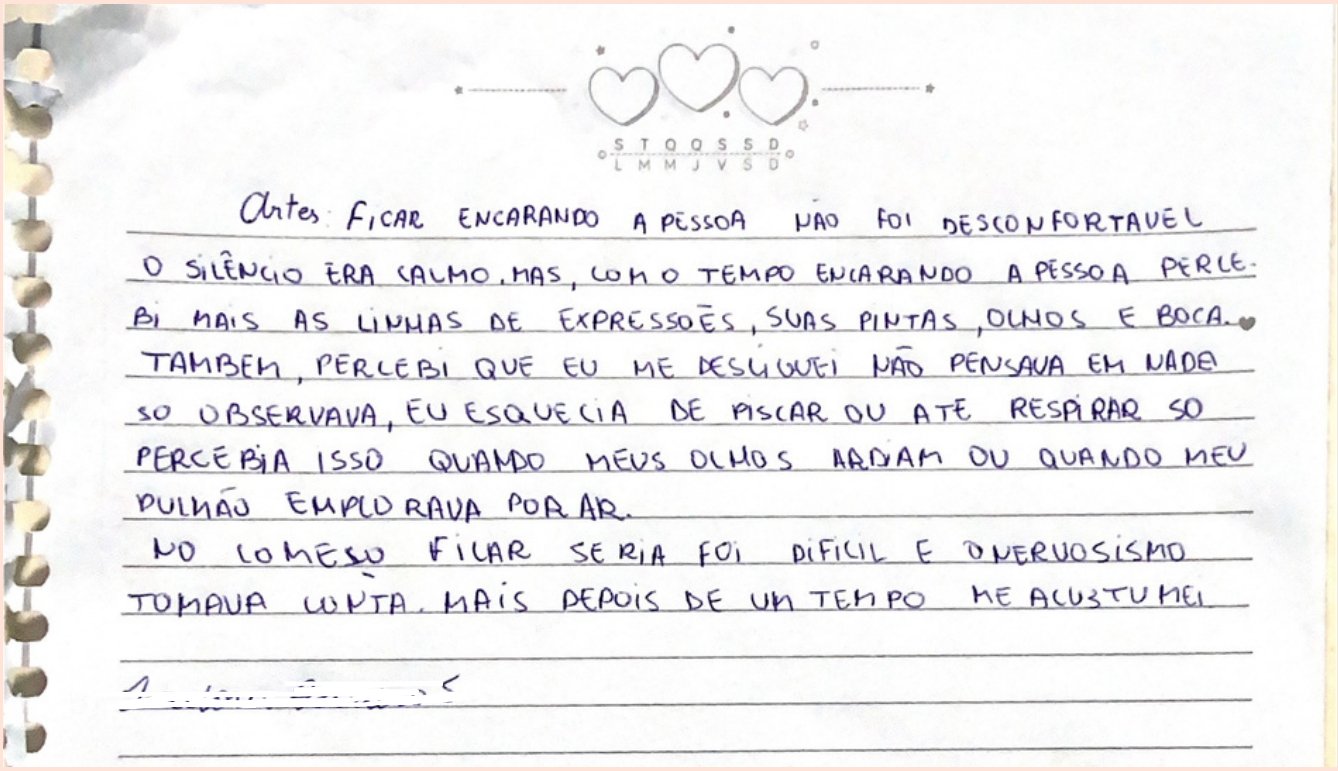
Documentário:
Marina Abramovic: The artist is present. Direção: Matthew Akers. Produção: Jeff Dupre, Maro Chermayeff. 2012, DVD, (106 min).

anexos

Cartas

L [redacted]

Eu senti uma estranheza, junto com combinação de sentimentos, quanto mais eu olhava menos estranheza sentia, me familiarizando com tal rosto. Estava olhando no fundo dos olhos deles e parecia que estavamos conectados, ambos com um sorriso escondido e sempre querendo rir. Mas quanto mais nos encarávamos menos sorriso expressávamos assim tendo mais seriedade e menos graça. Quanto mais olhava mais tal rosto ficava mais estranho. Varios sentimentos e expressões de início que levaram á uma só, seriedade e menos estranheza, se familiarizando com tal rosto



Antes: FICAR ENCARANDO A PESSOA NÃO FOI DESCONFORTAVEL O SILÊNCIO ERA CALMO. MAS, COM O TEMPO ENCARANDO A PESSOA PERCEBI MAIS AS LINHAS DE EXPRESSÕES, SUAS PINTAS, OLHOS E BOCA. TAMBEM, PERCEBI QUE EU ME DESLIGUEI NÃO PENSAVA EM NADA SO OBSERVAVA, EU ESQUECIA DE PISCAR OU ATÉ RESPIRAR SO PERCEBIA ISSO QUANDO MEUS OLHOS ARDIAM OU QUANDO MEU PULMÃO EMPLORAVA POR AR.

NO COMEÇO FICAR SERIA FOI DIFICIL E O NERVOSISMO TOMAVA CONTA. MAIS DEPOIS DE UM TEMPO ME ACOSTUMEI

1.02

Eu senti conforto, em nenhum momento eu fiquei desconfortável ficamos rindo uma para outra. Foi divertido essa experiência.

Parece que era uma brincadeira tente não rir.

O silêncio foi apavorador, a pressão de ficar sério olhando diretamente pros olhos da pessoa é uma sensação engraçada e ao mesmo tempo uma sensação profunda, dá pra sentir e refletir sobre muitas coisas, ao olhar no olho da pessoa dá pra ver o reflexo de até você mesmo, e sentir as emoções tanto da pessoa quanto a sua.

com um certo tempo até consegui ficar ao ficar parado e sem poder rir ou fazer muito coisa, por mais que nem consiga direito a pessoa fica uma sensação constante de agonia e vergonha.

[redacted]

Nº 2